Ana Vasconcelos



Manias

Autobiografia de uma filha de um obsessivo compulsivo


5 LIVROS

MANIAS

ANA VASCONCELOS

MANIAS

5 LIVROS

Manias
Ana Vasconcelos
© Ana Vasconcelos, 2024. Todos os direitos reservados.
O conteúdo deste livro é da inteira responsabilidade do autor.
Revisão: Do autor
Capa: Ana Vasconcelos
Impressão e acabamento: Líberis – *Print on demand*
1.ª Edição: Março de 2024
ISBN [Edição Impressa]: 978-989-782-835-5
ISBN [Edição Digital]: 978-989-782-836-2
Depósito Legal N.º 527563/24
A Editora 5 Livros é uma chancela de referência em Portugal para os autores que querem ver publicados os seus livros. Passados 5 anos e com centenas de escritores no seu catálogo, a 5 Livros é muito provavelmente uma das melhores opções para aqueles que querem concretizar o sonho de ver o seu livro publicado.

«Os livros são espelhos da alma»
Virginia Woolf

5 LIVROS

Rua da Boavista, N.º 719, 1.º T e N.º 723
4050-110 Porto
Telef.: 222 038 145 (Chamada para a rede fixa nacional)
Tlm.: 919 455 444 (Chamada para a rede móvel nacional)
www.5livros.pt
info@5livros.pt

Para os meus três filhos
Pedro, Nuno e Francisco

Janeiro 2020

Índice

Manias surgiu por impulso
Janeiro 2020
Avenida de Roma
Uma no cravo, outra na ferradura
Mãe
Aqui começa a minha história
A chave de casa
Castelos de almofadas
Pó no ar
Nódoas negras e lápis de carvão
Folhas quadriculadas
As riscas do colchão
As aulas de piano
Férias
Grande dupla
Toque numa mão, cigarros na outra
O telefone atrás do sofá
Dos cartões à repulsa
Limites
Mesmo magra
E não viveram felizes para sempre
Braseira nas pernas e crapô na mesa
Retorno ao n.º 2
Para sempre
Pedro
O ultimato
Nuno
Pacemaker
Francisco

Covid-19
Março 2020
Ambiente contaminado
O último dia
Posfácio

Manias surgiu por impulso

Manias começou como um desabafo terapêutico e acabou num livro.

Manias é uma história que sempre quis partilhar e não sabia.

Manias é um diário, capítulos soltos de uma vida.

Manias relata uma vida escondida.

Manias é uma catarse, uma libertação de lembranças e sentimentos.

Manias conta uma história de vida, de amor, de ressentimento e de evolução, de sofrimento e de crescimento, de obstáculos e de superação.

Manias é a minha interpretação dos factos, de uma filha, agora mãe.

Manias... todos temos.

Janeiro 2020

Três dias depois do meu pai ter testado positivo para COVID-19, ri-me e disse:

– Vaso ruim não quebra.

Foi em janeiro de 2020, no pico da pandemia em Portugal, que o meu pai apanhou COVID-19.

Todos os noticiários mostravam imagens de filas de ambulâncias à porta dos hospitais com doentes à espera duma vaga e duma cama para serem hospitalizados. O número de casos e de internamentos atingira o pico máximo em Portugal.

Nos primeiros dias, encontrava-se bem.

Apenas com sintomas leves, dizia ter tudo controlado. Mas com o passar dos dias foi piorando, cada vez mais cansado e imóvel, passava mais tempo na cama. A voz foi ficando mais rouca e a respiração atacada. O oxigénio era medido várias vezes e a cada dia baixava um valor relativamente ao dia anterior.

Não queria ir para o hospital, dizia que o «covidário» era uma morgue, por isso só deu entrada quando já apresentava o nível de oxigénio nos valores mínimos, ficando imediatamente internado.

Com a falta de camas disponíveis, a primeira noite nas urgências foi para ele um pesadelo. Sentia-se muito fraco e doente. Telefonava com queixas de frio e desconforto e, com a voz muito sumida e sofrida, revelou-me que não passaria daquela noite.

Mas passou. Senti um enorme peso na consciência pelo meu comentário tão «ruim». Como é que eu fui tão insensível ao ponto de proferir aquelas palavras.

No dia seguinte, teve vaga no hospital de campanha, uma tenda de apoio a doentes Covid montada à porta do Hospital de Santa Maria.

Nesse dia enviou-me um vídeo sentido, onde a sua dificuldade em respirar era óbvia. Uma mensagem que soava a despedida e que me deixou profundamente angustiada.

Dias depois, vagou finalmente uma cama e transferiram-no para a enfermaria. O Raio X, que mostrava uma infeção bilateral nos pulmões, e o oxigénio sempre baixo, assustavam-me. Deixavam-me ansiosa por notícias melhores.

Telefonei-lhe todos os dias, até ao dia em que o médico o proibiu de falar ao telefone.

– O seu pai fica muito cansado, isso impede a estabilização dos níveis de oxigénio.

Fui percebendo a sua voz cada vez mais rouca e sumida. Apesar da sua deterioração ser evidente, fiquei surpresa quando recebi um telefonema de um enfermeiro:

– O seu pai vai ser sedado, colocado em coma. O tratamento será mais eficaz em coma induzido pois o seu pai recusa deitar-se de barriga para baixo.

Explicou-me que ele iria para a unidade de cuidados intensivos, onde seria sedado e ventilado por tempo indeterminado.

– Vou passar o telefone ao seu pai para se despedir.

Mas ele murmurou sons que não decifrei. Percebi que a minha última memória do meu pai seria a sua voz, naquele sopro sem fôlego.

– Quero que tenha a consciência de que as próximas 48 horas serão extremamente críticas.

Mas... as horas passaram a dias e os dias passaram a semanas. Com pouca ou nenhuma informação, a ansiedade crescia dentro de mim.

Passou cerca de um mês quando finalmente o meu pai começou a melhorar. Acordou e autorizaram uma visita.

Eu sabia que o ia encontrar num estado muito débil, por isso enchi-me de coragem e lá fui. E confirmei as minhas expectativas: pálido,

magro e fraco, sorriu ao ver-me e, de olhos mareados não me largou a mão um segundo. Como seria de esperar: a sua fragilidade não era apenas física.

Tinha na garganta a ventilação, chamada de traqueostomia, um tubo que ajudava na respiração e que lhe retirava a capacidade de falar.

Também se encontrava sob forte medicação e isso, associado ao tempo prolongado de coma, deixavam-no com alguns delírios e alucinações. Queria comunicar e tentava em desespero transmitir mensagens que tentei durante toda a visita decifrar, lendo os seus lábios. Tentei interpretar frases que na maioria das vezes não faziam sentido.

Vê-lo diminuído daquela maneira foi um choque, mas ele melhorara e isso deixava-me feliz.

Quando, após três dias, nos telefonaram do hospital para comunicar que se encontrava novamente sedado, não quis acreditar, senti como se me tivessem dado um murro no estômago. Depois de tanto tempo, retomara o coma e agora pior: uma infeção hospitalar.

Seguiram-se três meses em coma, três meses muito difíceis, com pouca informação e poucas melhorias.

Escrevi textos sentidos, chorei, fiz vídeos juntando fotografias de momentos passados. Partilhei a minha angústia com quem me rodeava.

Foi um processo muito doloroso. A família manteve-se muito unida, trocávamos informações todos os dias e todos ansiávamos por melhoras.

Quando o médico confessou que já não havia esperança, não conseguindo controlar a emoção, despedi-me dele, lavada em lágrimas.

O meu irmão viajou da Suíça para Portugal para se despedir. Naquele dia, em que fomos os dois ao hospital despedir-nos do nosso pai, a enfermeira que nos recebeu enunciou:

– O seu pai está acordado.

– Acordado? Acordado como? Não estou a perceber! – era inesperado e dava-me uma nova esperança.

– Retirámos um pouco a sedação para que vos veja e se possam despedir. – respondeu, e voltei à realidade.

Uma vez mais, e contra todas as expectativas, ele melhorou, e assim continuou a melhorar cada vez com menos sedação.

Senti que estava perante um milagre.

Dias depois, voltámos ao hospital: ele já recuperara a lucidez. Colei umas fotografias na parede e a primeira coisa que me disse quando me viu foi:

– Estão tortas, ponha direitas.

– Está bem pai. – sorri, e colei novamente o mais paralelas possível à ombreira da porta. – Está bom assim?

– Sim. Nunca deixei de pensar em vocês. – vi a sua fragilidade. Senti a sua comoção. Estava tão vulnerável e exposto.

Só podia entrar uma pessoa de cada vez na sala de UCI onde ele se encontrava e, quando saí e encontrei o meu irmão na sala de espera, contei-lhe o que dissera sobre as fotografias e rimos os dois. Ele continuava a ser ele, o que para nós naquele dia era um bom sinal.

Com tantos meses acamado, o meu pai perdera muito peso e massa muscular. No início, nem para comer tinha força nas mãos. Teria agora de trabalhar todos os músculos do corpo para readquirir os movimentos básicos perdidos.

Durante esse mês, passei muitas tardes com ele no hospital. Acompanhei a recuperação, dei apoio na fisioterapia enquanto reaprendia a andar e tivemos conversas pela tarde fora. Como filha, senti que recuperava o tempo perdido.

Um mês passado, acabaria por deixar o Hospital de Santa Maria e ir para um centro de reabilitação. A mudança forçada não lhe agradou, sentia-se muito confortável e à vontade no hospital, mas ele tinha de sair e dar a sua cama a outra pessoa.

Correu mal desde o primeiro dia.

Os cuidados devido à pandemia ditavam a proibição de entrada de pessoas não doentes no centro e os horários de visita eram muito restritivos.

Por isso, deu entrada no Centro sem que um familiar pudesse entrar, para ajudar a tirar as coisas da mala. Não permitiu que estranhos a abrissem, acabando por usar roupas velhas do Centro. Alterado telefonava-me todos os dias:

– As enfermeiras não aparecem quando toco a campainha! São brutas e antipáticas. A comida é horrível, uma porcaria!

– Não respeitam as minhas coisas, mexem no meu telemóvel.

– Sou maltratado e estou aqui abandonado.

Quando o fui ver, encontrei-o de rastos. Foi nesse momento em que o vi tão abatido que pensei que devia, como filha, trazê-lo para minha casa.

Cá em casa somos cinco. Naquela altura, o meu marido encontrava-se em teletrabalho e as crianças assistiam às suas aulas remotamente… conversámos e, apesar de alguma hesitação, todos concordámos que seria a melhor coisa a fazer.

Organizei tudo ao mais ínfimo pormenor.

O quarto de brincar das crianças seria também o quarto do meu pai.

Combinei com a Diana, minha grande amiga e fisioterapeuta, que passaria a trabalhar todos os dias em minha casa, com o meu pai. Arranjei uma cadeira de rodas, um andarilho, uma arrastadeira, um cantinho confortável e tudo o que ele necessitava para a sua recuperação, até estar apto e independente.

Seria eu a enfermeira do meu pai durante um mês.

E preparei-me psicologicamente. Pouco consciente do que aí vinha, do que tudo isto acabaria por representar para mim e para a minha família.

Esqueci uma vida inteira de desilusões e acabei por trazê-lo para minha casa.

Eu sabia que não ia ser fácil, mas nunca pensei que no espaço de uma semana estaria a pô-lo na rua.

Avenida de Roma

Tudo começou no início dos anos 70, enquanto duas irmãs se passeavam pela Avenida de Roma.

A mais velha, a minha tia Marta, era alta, bonita e confiante. Não era boa aluna, mas o seu entusiasmo atribuía-lhe uma presença inquestionável e com isso vinham os privilégios e facilidades. Era a neta preferida, a namorada desejada, a companhia mais elogiada.

A minha mãe, à data com 15 anos, era por contraste, uma menina ajuizada e responsável, bonita e rechonchuda, tímida e pouco confiante, que vivia na sombra do caráter forte da irmã.

A falta de cuidado e atenção para com aquela menina, quase uma mulher, levaram-na a sentir-se só e incompreendida. Havia mesmo nela uma certa tristeza e um profundo ressentimento pelas comparações a que era sujeita. Achava-se inferior.

Eram de facto duas irmãs muito diferentes, mas admiradas e conhecidas no Bairro de Alvalade, tão badalado naquela época.

De mochila às costas e envergando saias de padrão xadrez, sapatos iguais e meias pelo joelho, como meninas de boas famílias, caminhavam lado a lado pelas ruas e avenidas da zona, deixando um rasto de olhares curiosos à sua passagem.

O pai destas meninas, o meu avô Nuno, era um arquiteto respeitado e muito trabalhador, dono de um carisma e de uma alegria cativantes. Talvez a minha tia tenha herdado dele todo o seu encanto.

A minha avó Luz, educada desde sempre para ser bonita e requintada, delegava a educação das filhas na governanta da casa, como tão bem se fazia nas famílias privilegiadas da época.

Aos 18 anos, o meu pai vivia na Praça de Londres com os seus pais, os meus avós António e Alice. Tinha uma irmã, mais velha, e viviam num ambiente muito tradicional.

A minha avó Alice era uma mulher muito à frente do seu tempo. Oito anos mais velha do que o marido, possuía a força de uma mulher de armas. Pioneira e muito trabalhadora, a primeira mulher a estudar Direito na Universidade de Coimbra e a única deputada mulher na época. Vivia embrenhada na vida política, trabalhava na Cruz Vermelha Portuguesa e participava num grupo de radio pelo qual era verdadeiramente apaixonada. Tinha ainda uma escola de explicações, onde o meu pai, para ganhar uns trocos, dava explicações de matemática.

Monárquico e muito conservador, o meu avô dava muito valor às tradições e incutia isso nos filhos. O seu trabalho, mais flexível em termos de horários, permitia-lhe estar muitas horas em casa coordenando a vida familiar. Extremamente organizado, controlava as tarefas da empregada com exigência e ditava regras aos filhos: rigoroso com horários e exigente nos seus resultados escolares. Impunha respeito e deferência, o que gerava um enorme fosso entre gerações.

O meu pai era um jovem franzino: magro, e de estatura baixa, tinha como característica os cabelos encaracolados e escuros. Com uma imagem longe da de um galã de cinema, era alguém com quem todos contavam para umas gargalhadas e diversão. Aprendeu a combater a insegurança do seu aspeto físico com um feitio extrovertido e, o desembaraço no convívio social, ele enchia uma festa: conhecia mil anedotas e contava histórias intermináveis.

E era o grupo de amigos do meu pai que todas as tardes se sentava no café para ver as duas manas passar.

Tudo mudou no dia em que ela entrou na sala de explicações. A aluna nova, cobiçada por todos, era afinal aquela brasa que o meu pai se havia habituado a ver passar na rua: a minha tia Marta.

Deram-se logo bem. Ele era divertido e fazia-a rir.

De alguma forma, ela viu nele a alegria que poderia contagiar a sua irmã mais nova e apresentou-os.

Os passeios passaram a ser em grupo. Iam ao cinema e conversavam bastante e as expectativas da minha tia viriam a confirmar-se: o meu pai trouxe alegria e boa disposição àquela menina que precisava de atenção, a minha mãe. Ele soube vê-la.

Após a aprovação e incentivo das famílias, tão habitual nessa época, estes dois seres de alguma forma incompreendidos pelo mundo e finalmente compreendidos um pelo outro, começariam a namorar. O primeiro namoro de ambos.

Identificaram-se em muitos pontos e assim, estes adolescentes apaixonados, tornaram-se num apoio mútuo incondicional. Atencioso, o meu pai dava à minha mãe a segurança, e a beleza dela dava ao meu pai a confiança, ambas tão ambicionadas.

Apesar do amor que sentiam, o namoro nem sempre foi pacífico e desde cedo existiram pontos de discórdia, com duas personalidades muito fortes a digladiarem-se com alguma frequência. Ainda assim, nada fazia prever o que permanecia oculto.

A vida deles mudou quando, na revolução do 25 de Abril de 1974, várias famílias portuguesas decidiram viajar para o Brasil em busca de novas oportunidades. Entre eles, os meus avós, Nuno e Luz, levando a minha mãe numa viagem de barco para o outro lado do Atlântico, momento que deixou o jovem casal em lágrimas.

Na altura a minha tia já terminara o curso e trabalhava, mas a minha mãe, com 17 anos, viu a seu desenvolvimento escolar interrompido. Por falta de organização ou de apoio familiar acabou por ficar em casa, o que lhe trouxe uma nova sensação de exclusão e desinteresse pelos dias que passavam. Retomou aquela tristeza, estava mais uma vez só e incompreendida. Durante meses ela chorou com saudades. Precisava de um propósito na vida.

Em Portugal, meu pai sofria uma enorme perda: a morte do meu avô António aos 54 anos e a vida dele viria a sofrer uma trágica mudança. Sentia-se agora responsável por manter a casa organizada

como o seu pai o fizera, mas sem aquela figura forte presente a dedicação aos estudos viria a perder-se.

Os dois trocavam cartas de amor onde ele implorava pelo seu regresso, pelo apoio da sua amada fazendo com que ela se sentisse importante e desejada.

Na minha visão foi esta distância que fez com que o que sentiam um pelo outro crescesse. E a saudade e o imaginar duma relação perfeita de duas pessoas que no fundo pouco se conheciam, fizeram aquela jovem ansiar por uma vida diferente. Ela queria fugir daquela realidade imposta pelas circunstâncias do tempo.

Poucos meses depois, a minha mãe conseguia o que queria e, sozinha, voltava para Portugal para casar.

Diz-se que não devemos desejar muito uma coisa sem termos a certeza que queremos que se torne realidade…

Uma no cravo,
outra na ferradura

Em dezembro de 1976 celebrava-se a tão esperada festa de casamento, feliz e tradicional, seguida do tão esperado momento de viverem juntos.

O jovem casal foi viver para a casa onde a minha mãe vivera com os meus avós antes de viajarem para o Brasil. Perto da Avenida de Roma, num bairro composto por vários prédios rodeados de jardins e parques, era conhecido como o bairro das Estacas. A casa era grande, para um casal sem filhos, um terceiro andar duplex, com a área social no primeiro piso e três quartos no piso de cima. Esta casa sempre foi conhecida como a «casa da Pedro Ivo», porque era esse o nome da rua.

Mas, em poucos meses e de forma gradualmente crescente, a minha mãe começou a aperceber-se de que a vida de casada não iria ser como sonhara. Havia imaginado uma vida que não existia porque o meu pai não o permitia: ficava nervoso, ansioso com tudo o que incluía as «coisas dele». Ia tendo cada vez mais «esquisitices», com cada vez mais objetos e situações, ia dedicando cada vez mais tempo a arrumações exageradas. Ela começava a sentir que já não se podia mexer livremente na própria casa. A ansiada independência tornava-se, na verdade, numa clausura.

Quatro meses depois de casarem, o meu pai fazia anos e a minha mãe quis dar um jantar. Como que a querer mostrar os seus dotes de esposa e anfitriã, cozinhou e aprumou toda a casa para receber os

amigos mais próximos. O seu desejo era proporcionar um jantar agradável e divertido. Em vão.

O incómodo do meu pai durante todo o evento era mais evidente para os convidados e para ela, do que os dotes de boa esposa. Durante todo o jantar, o meu pai esteve tenso e ansioso, longe de ser o homem bem-disposto que todos conheciam.

Quando os convidados finalmente saíram, a verdade veio ao de cima. Aquela tensão, que tentara esconder, explodiu em forma de raiva. Ficara visivelmente alterado porque o seu ambiente havia sido tocado, os objetos movidos, o espaço alterado.

Nessa noite não dormiram. O meu pai, com a minha mãe a seu lado passou horas em verificações, para ver se cada peça da sala não teria saído do sítio em que deveria estar. Verificava através da minha mãe, assegurava-se através das suas certezas. Verificaram tapetes, almofadas, cadeiras, tudo e mais alguma coisa. Várias vezes. Demasiadas vezes, pela noite fora.

Foi a primeira e a última vez. Nunca mais voltariam a convidar amigos nem família para a sua casa.

Quando assumiram que aqueles hábitos saíam dos parâmetros considerados normais, decidiram procurar respostas.

Uma coisa a minha mãe tinha por certo: a pessoa com quem casara não era simplesmente uma pessoa arrumada.

O meu pai deu então início a um longo historial de acompanhamento psiquiátrico. A primeira médica que consultaram disse à minha mãe:

– Este é um caso gravíssimo!

– Mas como devo gerir a situação? Qual a melhor forma de ajudar? – perguntava ela.

– Experimente «dar uma no cravo outra na ferradura» – foi a sugestão profissional.

E foi o que a minha mãe passou a fazer: às vezes ajudava, noutras evitava mas, nas vezes em que evitava, ele ficava transtornado, desesperado, impulsivo e ansioso.

– Não faço.

– Tens de fazer!

– Agora não, agora não posso ver.

– Tens de ver! Eu preciso que vejas! Se não me ajudares não vou conseguir sair daqui…– implorava, alterado.

As consultas com a primeira psiquiatra acabaram por não surtir qualquer efeito ou melhoria.

Como em todos os casamentos, também entre eles existiram momentos melhores e piores. Não obstante as dificuldades, o grande sonho da minha mãe acabaria por se tornar realidade. Um ano depois de casar, nascia o meu irmão. Tinha então 19 anos.

A minha avó Luz, feliz pela boa-nova, viajou do Brasil para dar apoio neste momento importante e feliz, ficando hospedada com o casal e o novo bebé na casa da Pedro Ivo, outrora a sua própria casa.

Com a minha mãe internada na maternidade e sem qualquer pré-aviso ou advertência, a minha avó foi finalmente confrontada com a dura realidade. Sozinha com o meu pai na Pedro Ivo, viu os seus movimentos serem controlados, impedida de se movimentar, naquela casa com tantas memórias de uma vida feliz.

No dia em que a minha mãe chegou a casa, com um bebé recém-nascido nos braços, ouviu o desabafo:

– Não estou para aturar isto! Casaste com um doido! Não posso ficar nesta casa. – foi o primeiro contacto da minha avó com aquela doença e não correu nada bem. Ofendida com o genro, regressou ao Brasil, revoltada com a situação.

Ela tinha razão e tão bem a minha mãe o sabia. Mas na situação frágil e vulnerável em que se encontrava, sentiu-se totalmente desapoiada.

Nos dias seguintes a esta discussão, o meu pai apresentou-se aplicado e dedicado, apaziguando a situação.

Afinal, era ele quem geria a minha mãe com «uma no cravo e outra na ferradura» e isso passaria a determinar a relação deles por vários anos, vários anos de manipulação.

A vida continuou, mas numa espiral de declínio: enquanto ela tomava conta do meu irmão, ele andava ao seu redor, a vigiar cada passo e a desenvolver cada vez mais rituais. Quando ele saía, a minha mãe aproveitava para fazer limpezas, mas isso deixava-o sempre zangado e alterado.

Foram a vários médicos em busca de respostas, até que lhes indicaram um médico especialista em Madrid, muito conhecedor de doenças psiquiátricas raras e que com certeza iria saber ajudar.

Foi em Espanha, na Clínica Lopez Hibor, que finalmente o problema foi diagnosticado: o meu pai sofria de uma doença chamada perturbação-obsessivo-compulsiva: obsessões, compulsões, para ele impossíveis de controlar, que lhe transmitiam a necessidade constante de arrumação, perpendicularidade, paralelismo e repetições de rituais que simplesmente iam tornando a vida cada vez mais difícil.

Vieram de lá devastados. No fundo a minha avó Alice já sabia, mas aquilo que caracterizava o meu pai e que ela durante tanto tempo escondera, afinal tinha um nome.

A meu ver, foi neste momento que o acompanhamento certo teria sido fundamental para que a vida deles, e a nossa, não tivesse levado o rumo que levou. Foi visto por todos como uma vítima, quase como indefeso, suscitou pena e as pessoas mais próximas perdoaram e viram justificados os seus comportamentos.

A minha mãe e a minha avó Alice quiseram dar o máximo apoio, no entanto a ajuda potenciou um rumo destruidor: abriu-se uma porta permissiva à doença.

Tentaram perceber o que o atormentava e pensaram que, respondendo às suas questões, aliviariam o seu sofrimento. Mas ele apoiou-se cada vez mais nesse tipo de ajuda, ficando totalmente dependente dos outros, para ultrapassar as suas obsessões.

Começou a transportar para os outros, particularmente para a minha mãe, essas necessidades relativas às suas compulsões. Em vez

de ser ele a verificar, repetir e ritualizar, era agora a minha mãe, sob pressão, que o fazia, comportando-se como se também fosse doente.

As verificações eram muitas e as repetições vinham em proporção. A minha mãe chegava a ter de verificar 10, 20, 30 vezes se uma porta se encontrava bem fechada, se o livro estava paralelo ou se a pasta de dentes estava na posição certa no copo. Ele queria que ela olhasse para essas coisas 10, 20, 30 vezes e, que respondesse as mesmas 10, 20, 30 vezes necessárias, até o satisfazer.

Um inferno que se podia prolongar por dias inteiros.

Quanto mais tempo passavam naquela casa, mais alargado o raio de obsessões ficava dando origem a um ciclo destrutivo de qualquer hipótese de vida em comum.

MÃE

Eu não percebi que o pai da Ana tinha manias. Os namoros naquela época também eram diferentes dos namoros de hoje. A única coisa que me chamou a atenção nos tempos de namoro acontecia nos almoços em casa da avó Alice: quando já todos se encontravam sentados na sala a conversar, ele ainda ali ficava, demasiado tempo de volta da mesa… havia algo de estranho na forma meticulosa e demorada com que arrumava as cadeiras à volta da mesa de jantar. Ela disfarçava: «Agora com o casamento ele atina». Mas, eu não percebi o que ela queria dizer com isso. Ela sabia.

Mais tarde, sentia-me dividida entre o sentimento de culpa por não ter a energia e capacidade de lidar com aquela doença e a vergonha por me deixar sujeitar àquela situação.

Queria ajudar, mas ia sendo cada vez mais insuportável. Ao mesmo tempo pensava, isto não vai ser sempre assim.

Eu sabia que aquilo não era vida, mas era uma realidade da qual não conseguia escapar.

Sabia que não iria conseguir viver naqueles termos, mas existia uma esperança, lá no fundo mais íntimo, de que fosse um problema tratável.

Sentia que não podia contar a ninguém, só quando tomasse uma atitude é que poderia revelar o que se passava e não me sentia preparada para isso.

Durante anos não tive a quem recorrer para me soltar daquela situação.

Não existia um porto de abrigo.

Aqui começa a minha história

Não parecia ser uma vida real, tudo aquilo parecia imaginário e despertou sentimentos de culpa e de vergonha na minha mãe, momentos de desespero no meu pai e muito sofrimento para todos.

Expectante de que tudo mudasse, que ele mudasse, a minha mãe quis ter mais um filho.

E no dia 12 de Março de 1981, eu nasci.

Quando saímos da maternidade, por insistência do meu pai, fomos todos para casa da avó Alice. Era um apartamento num conjunto de prédios que rodeavam a Praça Pasteur, perto da Praça de Londres. Tinha três quartos e ficámos no quarto a meio do corredor. Apenas com a roupa do corpo, entre a insistência dela e a resistência dele em regressar a casa, os dias passaram a semanas. Já tinha dois meses quando finalmente voltámos para casa.

A minha mãe vivia agora duas realidades: dum lado os filhos, aos quais se dedicava a 100%: do outro lado, as manias do meu pai, às quais era obrigada a dedicar-se 200%.

As aparências e a vergonha dominavam cada vez mais a nossa vivência. Dentro de casa éramos uma coisa, fora de casa éramos outra.

Apesar de todos os esforços de toda a família para disfarçar o que dentro das nossas quatro paredes se passava, a doença seguia o meu pai para todo o lado começando a ser notada. Os amigos iam reparando nalguns gestos e rituais vendo ali algo de estranho.

Dentro de casa, a vida funcionava como um universo paralelo. A minha mãe não podia atender o telefone porque este sairia do sítio.

Já não podia mudar os lençóis. Não podia limpar o pó. Nunca podia abrir as cortinas. Não podia abrir os armários, não era permitido mexer em nada.

Já não entrávamos na sala, não podíamos sentar-nos no sofá. Não podíamos correr nem andar depressa em casa, isso faria "vento" e moveria os objetos de sitio.

O meu irmão e eu não entrávamos no quarto dos meus pais. Ficávamos à porta, à espera. Uma das minhas memórias mais antigas tem a ver com um tapete branco de pelo comprido e fofo, que eu não podia pisar. Um dia, os meus pais dormitavam na cama, eu esqueci-me e entrei. O meu pai sentou-se em sobressalto, esticou o braço e num gesto que me indicava para parar imediatamente disse:

– Pára aí! Não pises o tapete!

Eventualmente, também os meus pais deixaram de entrar no quarto deles.

Também deixámos de entrar na cozinha, tomávamos banho e jantávamos na casa da avó Alice.

Na nossa família éramos assim. Eu não estranhava aquilo, na minha realidade eu não podia tocar nas coisas e cumpria certas regras para estar de acordo com as necessidades do meu pai.

Chegou a ser dito, e ainda hoje corre o rumor entre amigos e amigalhaços, que o meu pai nos amarrava à cama.

As cordas existiam, mas eram de outra natureza.

Nesta altura, já só entrávamos em casa para dormir, o meu irmão e eu ao colo do meu pai e da minha mãe.

Ainda me lembro de certos momentos nos seus mais ínfimos pormenores.

Eu punha as minhas pernas a rodear a cintura dela, com os pés virados para dentro e apoiava a minha cabeça no seu ombro, enroscando o nariz no seu pescoço. Tentava ser o mais pequenina possível, para ocupar o menor espaço. Eu não queria que ele tivesse dúvidas quanto a ter tocado nalguma coisa no caminho desde a porta de entrada à cama.

Fazíamos este trajeto muito devagarinho, para garantir que, com o «vento» do nosso corpo nada saia do lugar. Éramos então depositados cada um na sua cama para vestir o pijama com o mínimo de movimentos.

A minha mãe dormia comigo e o meu pai com o meu irmão. Tinha quatro anos e lembro-me muito bem disto.

Às vezes, era inevitável um de nós ter de ir à casa de banho.

– Tenho de fazer chichi...– confessei a medo.

Tenho muito presente na minha memória o olhar resignado do meu irmão num destes momentos, vi-o descair os ombros e baixar o olhar. "Eu sei, mas tenho mesmo de ir." pensei.

Na consciência do tempo que esta vontade implicava, havia sempre a pergunta:

– Tens mesmo? Não aguentas até amanhã?

Recordo que, primeiro deitaram o meu irmão e fomos os três: eu, o meu pai, para controlar os meus movimentos, e a minha mãe, para confirmar que absolutamente nada saía do sítio. Aquele, era um ritual que iria demorar algum tempo.

– Entra devagarinho. Achas que o vento do corpo dela fez mexer as cortinas do duche?

– Não... – respondia a minha mãe cansada, deixando o olhar cair naquelas cortinas outrora brancas, agora manchadas e ressequidas por falta de limpeza.

– As argolas das cortinas estão todas à mesma distância umas das outras? Confirma.

– Sim, as argolas estão penduradas no varão todas à mesma distância.

– Confirma outra vez, olha com mais atenção.

– Senta-te devagarinho sem tocar na cortina do duche. Ela tocou na cortina do duche? Confirma.

– Não tocou. – respondia contrariada.

Fiquei ali sentada e quieta, sabendo que todos preferiam estar na cama em vez de estar ali. A culpa era minha. Não devia ter tido

aquela vontade, não devia ter bebido aquele último copo de água ao jantar.

Nesse dia a minha mãe tinha no bolso uns guardanapos de papel, para não termos de tocar no rolo de papel higiénico e, talvez com sorte, poupar 20 minutos de confirmações. Ou não.

– O rolo do papel higiénico está a meio do suporte?

– O picotado do corte do papel está perfeito?

– Tocou no tapete?

– O autoclismo não ficou preso? A retrete está limpa? A torneira ficou bem fechada? Tocou na maçaneta da porta?

Apesar de quase adormecer sentada naquela retrete, com a cabeça a tombar e os olhos a fechar, eu sabia muito bem que devia ficar calada e esperar. O meu silêncio e a minha imobilidade eram naquele momento a minha incumbência. Não para acelerar o processo, mas para não o atrasar: para não perturbar a sequência de dúvidas e perguntas que o meu pai precisava de ultrapassar.

Mas a minha mãe entrava constantemente em saturação, a ansiedade dele crescia, recomeçavam as discussões e todas as verificações partiam do zero.

Aquela era a missão da minha mãe, ela não a conseguia cumprir e eu culpava-a por isso. A minha era estar quieta, a dela era responder tudo bem, como ele gostava, para eu poder voltar para a cama.

Vivíamos todos como se fôssemos obsessivos, todos fazíamos verificações e repetições debaixo duma pressão nunca violenta, mas duma força psicológica esmagadora.

Lembro-me de uns dias que fomos passar a Sintra. A minha tia Marta iria estar fora e ofereceu-nos a casa dela para mudarmos de ar, espairecermos do ambiente opressivo em que vivíamos. Uma casa grande de campo, com piscina e muito espaço para correrm os

Geralmente, fora do ambiente dele, era menos obsessivo e conseguíamos descontrair.

Mas uma manhã, na casa banho, o meu pai quis a confirmação de que a pasta de dentes se encontrava fechada.

A minha mãe não olhava, dizia com pouca paciência:

– Sim, sim, está.

Mas essa resposta não servia!

Ela devia dar a devida importância e resposta às suas necessidades. Quando cheguei à porta da casa-de-banho, vi o meu pai roxo de fúria, carregado de raiva nos olhos, a torcer aquela pasta de dentes e atirá-la para o chão para começar a saltar em cima dela.

Foi a primeira vez que o vi assim, completamente fora de si.

Apesar do choque que senti, de perceber o que a indisponibilidade da minha mãe provocava nele, questionei, em silêncio, a lógica daquela reacção.

Mas, como que a adivinhar, ao fim do dia ele sentou-me no seu colo e explicou-me:

– A culpa de eu ter ficado assim é da tua mãe.

O mais curioso é que que esta é a única lembrança que tenho dessas férias em Sintra.

A chave de casa

As idas para casa da minha avó, para nos soltarmos daquele ambiente, eram regulares e prolongadas e levávamos apenas a roupa do corpo. Mas o meu pai e os seus rituais estavam sempre presentes e quanto mais tempo passávamos em casa dela mais difícil era.

Todas as restrições iam fazendo o cerco da vida apertar e a saturação era cada vez mais evidente:

– Quero o divórcio – a minha mãe insistia.

– Não dou.

– Tenho motivos! Vivo numa loucura!

– Podes dizer o que te apetecer, ninguém vai acreditar em ti.

– Estou farta desta vida, vou com os miúdos para minha casa.

– Não vais não!! Estás proibida de entrar na Pedro Ivo.

Escondeu a chave e ela nunca mais a recuperou.

A minha mãe procurava a ajuda da minha avó.

– Não percebo, quer que os seus netos vivam nesta loucura?

– Ele só precisa do nosso apoio para ficar bom. – foi para sempre a sua crença.

A minha avó Alice era o apoio incondicional do meu pai. Para ela a família deveria ficar unida. Tínhamos de compreender e apoiar sempre, custasse o que custasse.

A primeira grande separação dos meus pais deu-se em 1986.

A minha mãe ganhou a coragem que estava a faltar-lhe e pediu ajuda aos meus avós, que haviam finalmente regressado do Brasil, e fomos viver para Cascais. Saiu de casa da minha avó apenas com a roupa do corpo, comigo, o meu irmão e a chave do carro no bolso.

Não obstante estarmos livres de rituais, este período foi complicado: o meu infantário era na Avenida de Roma, o colégio do meu irmão no Lumiar, o trabalho da minha mãe em Algés e a minha mãe não tinha estabilidade financeira para tanta gasolina.

Por isso, acordávamos todos os dias às 6h para atravessar o centro de cascais a pé e apanhar o comboio das 7h. Ainda era de noite e estava muito frio. No comboio eu ia sempre enroscada na minha mãe enquanto ela nos dizia:

– Aproveitem para dormir mais um bocadinho.

O carro da minha mãe estava à nossa espera no cais do Sodré. A minha mãe deixava o meu irmão no colégio, a mim no infantário e ia trabalhar.

Ao fim do dia repetíamos a rotina no sentido inverso.

Durante seis meses o meu pai veio buscar-nos para alguns fins-de-semana. Nas férias levava só o meu irmão. Com nove anos, ele era o novo «ajudante» do meu pai.

Eu sabia que o meu irmão era importante para o amparar, ele sabia fazer e ver tudo muito bem, como o meu pai gostava. O meu irmão era o crescido.

Eu era a menina, pequenina. Por vezes sentia-me excluída e perguntava se também podia ajudar. Uma vez, para eu não ficar triste, o meu pai inventou umas manias para eu fazer, como se de uma brincadeira se tratasse. – devia segurar num papel com muito cuidado e não deixar os cantos dobrarem.

Esforçava-me ao máximo para mostrar que estava à altura da confiança do meu pai:

– O papel tem o canto um milímetro dobrado – o meu irmão revirava os olhos, ou – os tapetes do carro não estão limpos, está ali um grão de areia! – e era sempre muito elogiada.

Quando a minha mãe pediu o divórcio, o meu pai ficou perdido e o meu irmão e eu muito revoltados. Nós não aprovávamos aquela separação. Havíamos sido arrancados da única realidade que

conhecíamos e não percebíamos porquê, porque é que a minha mãe queria fugir dela, da nossa casa.

Durante este tempo em que viveram afastados o meu pai nunca deixou de lutar pelo nosso regresso.

Mas se ao início tentou impor o nosso retorno com ameaças à minha mãe e a si mesmo, passado alguns meses tornou-se sensível ao que perdera e ao valor da minha mãe. As palavras feias tornaram-se bonitas e as ofensas passaram a elogios.

À data, entre os meus cinco e seis anos, tudo isto escapava ao meu entendimento, como seria de esperar. Eu via a tristeza do meu pai, limpava as suas lágrimas e ouvia as suas palavras doces. Ele dizia que sem nós não existiam razões para viver.

– Eu faria tudo por vocês. Vocês são tudo o que eu tenho nesta vida. Tudo o que eu quero é ter a minha família de volta.

E confrontava a minha mãe:

– O pai vai ficar bom e a mãe não quer. O pai diz que gosta muito da mãe e a mãe não quer a família junta.

A minha mãe vivia um dilema muito grande, entre a nossa insistência para regressar a casa e ainda com a crença de que o casamento deve ser para a vida toda, quis acreditar que havia esperança de uma vida feliz em conjunto.

Ela escolheu acreditar que aquela separação abrira os olhos ao meu pai.

Quando ele devolveu a chave de casa à minha mãe, fê-lo com uma série de promessas:

– Vou ficar na minha mãe, mudo de médico, prometo tratar-me.

– Podes ter uma empregada para ajudar a limpar a casa.

– Podes mudar a alcatifa, podes comprar cortinas novas, como sempre quiseste.

– A vida vai ser diferente.

Naquele momento era tudo o que ela precisava de ouvir. A minha mãe retirou os papéis para o divórcio e ficou combinado um período de namoro no qual ele não viveria connosco.

Os meus avós ficaram apreensivos por nos verem partir:

– Filha, as nossas portas estarão sempre abertas. – disse o meu avô quando nos despedimos.

Quando regressámos, a casa não era limpa e os lençóis não eram lavados há dois anos e retomámos a nossa vida.

Lembro-me dumas prateleiras no nosso quarto, com qualquer coisa, provavelmente livros ou brinquedos. É uma memória muito vaga, eu sabia que não podia mexer ali, não era permitido, mas quando regressámos a casa minha mãe disse:

– Podes, podes mexer à vontade, mexe em tudo, é teu.

Fiquei confusa. Deve ser a mesma confusão que uma criança sentiria se todos os dias lhe fosse dito que não pode tocar no forno e de repente alguém dissesse: «Já podes, toca a vontade, não te vais queimar.»

Nesta altura, e como forma de ajudar, o meu avô Nuno convidou o meu pai para trabalhar no seu atelier mas ele recusou. Como tinha dificuldade em cumprir horários e em sair de casa cedo, dava aulas à noite. Às vezes trabalhava, outras vezes metia baixas por doença e ficava meses sem fazer nada. Às vezes ficava connosco, outras ia para casa da minha avó.

Quando chegávamos da escola de autocarro, o meu pai encontrava-se sempre ali, à espera junto à paragem.

Na falta da minha mãe, ocupada a tratar de mim, coube ao meu irmão herdar a responsabilidade de fazer verificações sem fim. Eu subia para casa e ficavam os dois durante horas na rua, no meio dos prédios. Mais tarde descobri que ele obrigava o meu irmão a verificar se o carro de família, um Peugeot 205 branco que ele adorava, estava com o travão de mão para cima. Eram horas em verificações: se o cinto estava direito, se a fivela do cinto estava perpendicular à fita, se os tapetes estavam limpos, se as borrachas estavam limpas, se a porta estava trancada.

A minha mãe não queria que o meu irmão ficasse na rua tanto tempo e até tão tarde, mas não sabia evitar aquela situação, reagindo

com irritação. E as discussões recomeçaram, pouco tempo depois.

Uma dessas noites, já a hora ia avançada, enquanto os dois faziam o ritual de entrada em casa e verificavam a posição dos cabos dos chapéus de chuva enfiados dentro dum pote grande de cobre, a minha mãe observava sentada no sofá do outro lado da sala, revirava os olhos impaciente, enquanto fumava um cigarro e batia com o pé. Era tarde, o meu irmão chegara da escola há várias horas. Os cansaços físico e emocional eram evidentes.

Ao perceber a iminência de uma nova discussão, o meu irmão começou a chorar.

– Porque estás a chorar? – perguntou o meu pai.

Ele apontou para a minha mãe, percebia que ela estava zangada.

– Não digas que sim com a cabeça, porque as lágrimas vão cair nos chapéus! Agora tens de ver outra vez. A culpa é tua! – proferiu, olhando para ela.

Aquela forma de viver, de ajudar o meu pai era a única vida que o meu irmão conhecia. Ele não questionava isso. Para ele, as discussões eram piores, os gritos eram ensurdecedores, e as ofensas muito feias de ambos os lados.

Passado algum tempo, a minha mãe impôs-se e ele deixou de entrar em casa. Mas mesmo fora de casa, ele controlava a nossa vida. Quando a nossa empregada, que era mesma da minha avó Alice, não aparecia, a justificação era só uma:

– O menino não autorizou.

Ela tinha indicações precisas sobre os sítios onde não podia mexer e as coisas que não podia limpar.

O meu pai também dava algumas instruções ao meu irmão.

Ele entrava em casa e fazia verificações, andava pela sala, olhando durante algum tempo para uma série de objetos e voltava a descer para repetir, várias vezes, o que vira e confirmar se estaria tudo exatamente na posição em que deveria estar. Tudo isto enquanto eu brincava e a minha mãe fazia o jantar.

Quando ela finalmente se apercebeu do que se passava, o meu irmão passou a aproveitar estas idas lá acima para ver um bocadinho de televisão, comer qualquer coisa e descansar um pouco. Ainda assim voltava a descer, para o acalmar com todas as confirmações necessárias.

Ele não gostava nada de mentir, mas com apenas nove anos ele chegava a deitar-se depois da meia-noite em dias de escola por causa das horas em que era obrigado a verificar tudo. A pressão psicológica era tanta que não havia como evitar o que se passava.

O meu irmão e eu sempre o apoiámos, no fundo víamos nele uma imagem de vulnerabilidade. Quando discutiam, a minha mãe transmitia uma imagem zangada e ao mesmo tempo forte, enquanto ele ficava sempre desanimado e cabisbaixo, o que nos deixava preocupados, cheios de sentimentos de culpa.

Se por um lado percebíamos que era difícil viver com ele, por outro ficávamos tristes.

Lembro-me de ir à janela para dizer adeus e as lágrimas escorrerem pela minha cara quando o via afastar-se. No fundo, mesmo sendo eu a criança e ele o adulto, sempre aparentou uma fragilidade, uma necessidade de amparo.

"Para mim, com 11 anos, a nossa vida e família eram normais. Divertíamo-nos na escola, jantávamos fora e íamos de férias como todos os nossos amigos.

Só mais tarde, após a separação dos meus pais é que percebi que era estranho não poder convidar amigos para ir a minha casa ou não podermos mexer, tocar e desarrumar as coisas em casa"

D.

Para nos proporcionar uns momentos felizes e longe de problemas, os meus avós Nuno e Luz convidaram a minha mãe, o meu irmão e a mim para umas férias. Fomos uma semana de viagem num cruzeiro e foi a melhor semana da minha vida até então. O meu irmão ganhou uma medalha por ser o mais rápido a apanhar as colheres no fundo

da piscina e uma taça numa festa de máscaras. E eu senti-me uma princesa com as pinturas que a minha avó me fez e os miminhos do meu avô. Ali eu fui o centro das atenções deles. A minha mãe estava feliz e bonita.

O meu pai não foi convidado, quando regressámos explicou-nos:

– A culpa das discussões é do vosso avô que anda a pôr coisas na cabeça da vossa mãe. – revelou, muito ofendido.

Ele queria voltar para casa, mas aquela tentativa de namorou revelou-se um fracasso. A resistência da minha mãe ao seu regresso manteve-se e os encontros diários à saída do autocarro da escola transformaram-se em discussões ensurdecedoras. Ele implorava, ela recusava e a raiva crescia.

Eu sentia que vivíamos aqueles fins de dia em repetição constante. As súplicas tornavam-se discussões. As discussões em gritos. Os gritos em ofensas e encontrões. E o meu irmão e eu acabávamos inevitavelmente a chorar.

Castelos de almofadas

Foi no ano de 1988, com 11 anos, que um dia o meu irmão informou a minha mãe:

– Não quero viver nesta casa, vou viver para casa da avó Alice.

Nesse dia ela percebeu, estava na hora e agora seria definitivo.

Chovia torrencialmente naquela sexta-feira, em que a minha mãe apareceu sem aviso à porta da escola com o avô Nuno. Fiquei contente, lembro-me como se fosse ontem, porque nesse dia não iria de autocarro para casa – eu detestava aquele autocarro.

Nessa tarde, meu pai esperou por nós e não nos viu sair do autocarro da escola. Uma empresa de mudanças retirava de casa as nossas coisas nesse mesmo dia.

E, da escola seguimos diretamente para Cascais. Foi assim que, de um dia para o outro, nos mudámos para casa dos meus avós.

Os meus avós viviam no centro de Cascais, a cinco minutos da baía. Para mim, aquela casa era um palácio: grande, cheio de luz e vida, ao contrário da Pedro Ivo, onde tudo era escuro.

Apesar de saber que foi uma fase terrível de litígio, guerras e ameaças, a sensação que me invade quando recordo essa época é de uma leveza enorme, como se fosse ali, apenas, que começou a minha infância.

Pensar nesta época dá-me uma sensação de conforto, de aconchego e de carinho.

Eu adorava acordar e ir enfiar-me na cama dos meus avós. O avô Nuno fazia-me muitos miminhos. Construía castelos de almofadas à minha volta, enquanto a avó Luz, bonita e vaidosa, demoradamente,

se arranjava. E era tão bom aquele quentinho e cheiro a perfume da minha avó, aquele cheirinho a creme Nívea do boião azul (que ainda hoje tenho, na minha mesa de cabeceira).

Nunca me esquecerei do Natal desse ano. Passei dias a revirar a casa dos meus avós, à procura dos brinquedos escondidos. Na manhã do dia de Natal desci, de dois em dois os degraus, da enorme escadaria, para abrir os presentes que, na madrugada da consoada, surgiram debaixo da árvore de Natal.

Possuía finalmente alguns brinquedos e podia mexer neles e desarrumá-los sempre que quisesse, como quisesse. O boneco podia partir um braço e o carrinho uma roda sem que isso fosse um problema.

Todos os fins-de-semana havia grandes almoços de família, com muitos primos e corríamos pela casa. Às vezes, íamos ao centro de Cascais comprar balões com as moedas que o avô nos dava e, quando regressávamos a casa, ainda longe, já conseguíamos ouvir as gargalhadas altas dos adultos, sentados à volta daquela imponente mesa de madeira. O avô Nuno era um grande contador de histórias e possuidor de um grande sentido de humor. A avó Luz ria muito alto e as suas gargalhadas estridentes ecoavam pelas ruas da parte antiga de Cascais. Era contagiante.

À noite, o meu avô sentava-se no seu cadeirão e eu enroscava-me com capricho ao seu colo. Comia sempre um, e apenas um, quadrado de chocolate que partilhava comigo.

Para mim, o avô era mais meu que dos outros netos.

Nunca me senti tão amada.

Em casa dos meus avós também vivia uma tia mais velha, muito querida, que na hora de ir dormir, me explicou o significado das badaladas do sino da igreja de Cascais e que me contava muitas histórias.

Também tivemos de mudar de escola.

Tinha agora oito anos, estava a meio da segunda classe e a minha transição para o Colégio de Cascais não foi fácil. Sentia-me

deslocada, sentia que entrara num mundo que não era o meu.

Foi nesta fase da minha vida que descobri a minha timidez, custou-me fazer amigos, sentia que aquelas meninas da escola nova eram diferentes de mim: eram muito mais confiantes e desinibidas. Apesar de sentir a simpatia dos meus colegas, lembro-me de passar os intervalos sentada num banco no pátio do colégio enquanto as raparigas da minha turma me vinham chamar para me juntar a elas nas brincadeiras.

Um ano depois, foram feitas obras num apartamento anexo à casa dos meus avós e ficámos a viver ali. Uma «casinha», com três quartos pequeninos. Com uma entrada separada, era o equivalente ao rés do chão da casa dos meus avós, que viviam nos andares superiores, com entrada pela rua do lado. Eu gostava muito daquela casa, a casa da porta «n.º 2».

A minha adaptação não foi imediata, durante algum tempo não tive capacidade de separar as duas vidas que conhecia.

O meu quarto no n.º 2 era pequenino, apenas cabia a cama, uma secretária pequena e três prateleiras na parede, onde eu arrumava meticulosamente os meus brinquedos.

Arrumava e verificava as almofadas da sala como sabia que o meu pai aprovaria, empurrando o centro com o dedo indicador e esticando muito bem os seus cantos.

No dia em que a minha mãe se apercebeu dos meus hábitos, exclamou alarmada:

– Ó Ana, cá em casa não precisas de fazer isso!

Eu ainda não ganhara essa consciência e aquele comentário deixou-me surpresa, era evidente! E nunca mais o fiz.

E era bom vivermos ali, colados aos meus avós. Dava-me uma sensação de calor e alegria. Sentia-me protegida, despreocupada e livre.

Quando recebia boas notas ia a correr lá acima mostrar ao meu avô, ele vibrava comigo e com as minhas conquistas.

À noite, a seguir ao banho e jantar, ia de pijama e de cabelo molhado para casa deles. Era muito divertido assistir às novelas brasileiras com a minha avó, o meu avô e a tia querida que falava com a televisão de dedo indicador esticado quando os vilões faziam maldades.

Quando havia algum jogo de futebol, o meu irmão punha o cachecol do clube e junto com o avô Nuno saltava em cima do sofá entusiasmado, com gritos, ora bons, ora zangados, e eu, a minha avó e a tia, ríamo-nos muito. É do que mais me lembro daquele tempo: o riso. Na casa da Pedro Ivo não havia.

Pó no ar

Os fins-de-semana com o meu pai eram de 15 em 15 dias e começavam à sexta-feira. Chegava sempre muito tarde, às vezes eu já dormia no sofá quando ele aparecia.

Os meus pais simplesmente não se falavam. Foi um divórcio extremamente litigioso e, por isso, éramos nós os mensageiros de ambos os lados.

Cada um fazia acusações muito graves ao outro e discutiam, através de nós, as partilhas do divórcio.

Lembro-me de uma grande controvérsia a propósito de um abre garrafas que a minha mãe trouxe na mudança. Eu tinha a noção de que andar a passar mensagens sobre aquele abre garrafas de plástico branco e vermelho não fazia sentido, mas aquele objeto tornou-se num símbolo, num ponto de honra na separação.

Era sempre muito complicado transmitir recados porque nos tornávamos sempre no centro das discussões. Com o passar do tempo passámos a selecionar, entre nós, aquilo que transmitíamos ou que podíamos contar da vida um do outro.

A pouco e pouco fui aprendendo que o melhor era ouvir calada, guardar as minhas opiniões. Olhando para trás percebo que fui aprendendo a reprimir reações, a viver contida e moderada, como esperavam de mim.

Nesses fins de semana, a maior parte das vezes, íamos para casa da avó Alice, que apesar de não estar livre das manias do meu pai, era um sítio para onde eu gostava de ir.

Tornara-se difícil para o meu pai estar em casa da minha avó. Passara a dormir no quarto da cozinha e ficava todo o dia nos seus rituais, nunca passando da porta da cozinha para o resto da casa. Sempre deprimido e cabisbaixo, nós víamos e sentíamos a sua dor.

O quarto do meio ficou muitos anos trancado, foram tantos que a certa altura já nem me lembrava porque não podíamos entrar ali. Era o centro das manias do meu pai em casa da minha avó e nem ele lá entrava.

Com o passar dos anos, também a sala de estar passou a estar com as portas fechadas, proibida.

Havia uma salinha com uma televisão onde passávamos serões a fazer paciências e a jogar crapô com a minha avó, e eu gostava muito disso. Quando ficava frio ela ligava uma braseira por baixo da mesinha onde jogávamos e ficava muito quentinho.

Nessa sala, também tínhamos de ter muito cuidado para não tocar nos jornais que tapavam brinquedos antigos do meu pai, guardados debaixo do sofá.

Quando ninguém estava por perto, encostava a minha bochecha ao chão, espreitava para debaixo daquele sofá e ficava ali. Imaginava a garagem de madeira de que ele me falara.

Eu não estranhava aquilo, nunca ouvi a minha avó queixar-se e mesmo sem a presença dele, todos respeitávamos as regras.

À noite, o meu irmão e eu deitávamo-nos na cama grande de dossel do seu quarto. Ela distraía-nos fazendo formas com as mãos que refletiam animais na parede em frente. Acompanhávamos a brincadeira projetando três andorinhas, três gatos, três cães. Adormecia sempre a ouvi-la rezar o terço.

A avó Alice preocupava-se muito com o meu pai. Para ela, existia um problema que devia ser compreendido e acarinhado. Sempre o protegeu, tentava permanentemente corrigir problemas. Tudo o que ela queria era que ele fosse feliz.

Em casa da minha avó não tínhamos brinquedos, mas tínhamos primos da mesma idade e amigos na vizinhança e brincávamos na

rua. Tenho boas recordações das brincadeiras na Praça ou nas traseiras dos prédios, sempre colada ao meu irmão, fosse a jogar às escondidas ou aos polícias e ladrões, vivia aqueles momentos como verdadeiras aventuras.

Um dia, enquanto jogávamos futebol na praça apareceu um grupo de rapazes pouco mais velhos que o meu irmão e, depois de algumas ofensas fugiram com a nossa bola. O meu irmão ficou desolado e, nervosos e exaltados, entrámos em casa para contar ao nosso pai o sucedido.

– Vamos já buscar essa bola! Eles vão-se arrepender! – disse-nos sem hesitar.

Rapidamente e com menos rituais que o habitual, o meu pai saiu de casa e entrou no carro connosco. Íamos à procura dos "ladrões" e eles iam arrepender-se!

Percorremos a Avenida de Roma, procurámos no Parque Eduardo VII e descemos a Almirante Reis até ao anoitecer.

Vivi aquele dia com emoção, o meu pai era forte e ia recuperar a nossa bola. Não encontrámos os "meninos maus", mas o sentimento de companheirismo e aventura ficaram na minha memória para sempre.

Apesar desta vida escondida, o meu pai sempre teve muitos amigos, nunca deixou de ser uma companhia simpática e animada fora de casa e de 15 em 15 dias conhecíamos uma namorada nova.

Ele não escondia que tinha uma doença e aos poucos, sempre com muita calma e sensibilidade, os pedidos de ajuda com os seus rituais iam crescendo de dia para dia.

E se, de vez em quando, surgia alguma «amiga» mais compreensiva, noutras ocasiões só as víamos uma vez.

Com a nossa mudança para Cascais, o meu pai ficou com a casa da Pedro Ivo, por isso às vezes também íamos os três para lá.

As minhas recordações desta época são muito vagas, mas sei que ir para a Pedro Ivo não era nada divertido.

Era pequenina, aborrecia-me de morte e atrapalhava o meu pai e irmão nas manias. Numa dessas vezes ele levou-me para o meu antigo quarto, no segundo piso, para ficar com o meu irmão na sala.

Eu não podia tocar em nada, logo não podia ir sozinha: ele levou-me devagarinho até às escadas, que subi encolhida para não tocar em nada. Chegados lá acima, atravessámos o corredor, muito lentamente, até chegar ao quarto do fundo.

Ao entrar no quarto senti o pó no ar, ao fundo uma janela que ocupava toda a largura da parede, e por baixo dessa janela, uma estante branca com portas.

Fiquei surpresa ao ver no meio do quarto uma mini tenda em forma de casa, "teria sido um presente de Natal da qual não me lembrava?".

Uma tenda de lona, com desenhos que imitavam uma cabana, com uma cerca e flores. Janelas com vasos e uma porta, "seria um presente, como tantos outros que teria sido arrumado no próprio dia?".

Lá dentro encontrei uma mini cadeira alentejana de madeira pintada com uma mini tábua e um mini ferro de engomar, com os quais brinquei durante horas. "Quantas horas teria estado o meu pai naquele quarto vazio a montar aquela tenda?", "qual teria sido a sua ideia ao colocar aquela tenda no meio daquele quarto sem móveis?"

Aventurei-me e abri com cuidado uma das portas da estante onde encontrei brinquedos esquecidos na mudança, berlindes e jogos de tabuleiro, uma caixa de cartão com uma pista de carros e outra de pinipons cor-de-rosa. Fiquei a olhar para aquelas caixas, já amolecidas pela humidade, de brinquedos esquecidos na mudança. Mas não mexi. À distância, ouvia o murmurar de perguntas e respostas entre o meu pai e o meu irmão.

À saída de casa, já de noite, o meu irmão gostava de ir espreitar a montra da loja no R/c do prédio vizinho. Uma loja de brinquedos dedicada a carros, comboios e pistas em miniatura que encontrávamos quase sempre fechada. Ficavam os dois algum tempo a espreitar entre as grades da loja, enquanto o meu pai lhe explicava

como iria ser a pista de comboios que um dia iria construir e com a qual iriamos brincar.

Acredito que fosse uma maneira de compensar o meu irmão pela sua dedicação e tempo, a perspectiva de um futuro diferente. Talvez também fosse uma espécie de auto conforto, o alimentar a esperança de que um dia seria capaz.

Nesta idade, eu já duvidava que isso algum dia fosse acontecer, mas permitia-me sonhar.

Nódoas negras e lápis de carvão

Podia ter sido outro fim-de-semana igual aos outros, mas naquela sexta-feira o meu irmão estava doente. O meu pai soube por mim que ele não iria connosco para Lisboa quando tocou à porta e só eu é que saí.

– Nem pensar. – disse ele – vai lá dentro e diz à tua mãe que eu sou pai dele e ele vem comigo.

Percebi logo que aquilo ia acabar mal e que eu ia estar no centro dos insultos.

– Mãe, o pai diz que quer que o mano também venha.

– Ele está doente, nem pensar que vai apanhar frio para Lisboa!

A resposta não me surpreendeu, voltei a sair e repeti.

– Eu quero um beijinho, pelo menos um beijinho do meu filho! – ripostou e transmiti.

– Nem pensar! Está frio, ele não vai para o meio da rua! – vociferou a minha mãe.

Eu não queria estar a ser a portadora daquelas mensagens, com 9 anos eu só queria que eles parassem com aquilo. Lembro-me de pensar para mim, "mas porquê? Porque é que são os dois tão teimosos?"

Neste momento, em que o meu pai gritava da rua para dentro de casa e a minha mãe gritava de casa para a rua, ele pôs o pé na porta e empurrou-a com força ficando a minha mãe entalada entre a porta e a parede. Atravessou a casa à procura do quarto do meu irmão para o encontrar na cama, com febre. Deu-lhe um beijinho, murmurou-lhe qualquer coisa ao ouvido e saiu porta fora. E seguimos para Lisboa

enquanto ele me explicava o quão péssima pessoa a minha mãe se tornara.

Quando no domingo regressei a casa, ele voltou a pôr o pé na porta para entrar e dar novo beijinho ao meu irmão. Nesse momento vi o meu avô, o meu avô Nuno era alto e bem constituído e saiu empurrando e afastando-o meu pai da entrada de casa. Expulsou-o da rua enquanto trocavam insultos, gritos e palavras feias.

A noite acabou comigo e com o meu irmão muito calados e escondidos no quarto dele, enquanto ouvíamos a conversa entre os meus avós e mãe na qual expunham todas as características que faziam do meu pai a pior pessoa do mundo.

Quando passados quinze dias nos foi buscar, soubemos que a minha mãe apresentara queixa na polícia, uma queixa por agressão.

Muito ofendido, contou-nos que ela voltara a armar das suas, só para o tramar. Chamava-a de mentirosa, dizia que ela pintara nódoas negras no corpo com um lápis de carvão, que essa era uma técnica muito usada.

Eu não queria saber de quem era a culpa, eu não queria acreditar que o meu pai magoara a minha mãe, mas também não queria imaginar que ela tivesse fingido aquelas nódoas negras.

A minha mãe nunca me revelou que havia apresentado queixa e eu também nunca a confrontei com as acusações do meu pai, as acusações do lápis de carvão.

Folhas quadriculadas

O Guimarães foi o primeiro namorado que a minha mãe me apresentou, e eu ainda não estava preparada para uma nova pessoa na nossa vida.

Percebi que aquele dia seria especial quando, sentindo nela um nervosismo pouco habitual, a vi tirar do armário um dos meus vestidos mais bonitos, de xadrez azul e uma linda gola branca em bordado inglês.

Ele apareceu em nossa casa e fomos até um café ali perto. Deu-me um bloco de folhas quadriculadas, uns lápis de cor e perguntou-me:

– A tua mãe contou-me que gostas de desenhar?

Não me perguntou mais nada, e em silêncio desenhei naquelas folhas aos quadrados, percebi que era isso que devia fazer enquanto eles conversavam.

Não tardou muito para que se começasse a falar em casamento.

Mas o divórcio nunca mais saía. Recordo uma época em que o meu pai devia ir, por ordens do tribunal, ao Júlio de Matos fazer uns testes ou umas consultas. Ele mostrava-se extremamente ofendido com aquela imposição e apelava à nossa ajuda para demover a minha mãe.

– Se eu não conseguir provar que o teu pai é maluco eles não me dão o divórcio.

Eu já compreendia muito bem que ele tinha uma doença mental e as razões da minha mãe. Mas, para mim, a sua sensibilidade exigia compreensão e proteção. Eu continuava a vê-lo como uma vítima, já

começara, no entanto, a perceber que no fundo ele era apenas uma vítima de si mesmo.

Anos depois de termos saído de casa finalmente saiu o divórcio e as discussões e os recados acalmaram.

No dia em que a minha mãe comunicou ao meu avô que ia casar com o Guimarães, ele disse-lhe:

– Cuidado minha filha, depois da experiência que teve vai achar tudo uma maravilha.

Pouco tempo depois, eles casaram e aquele estranho foi viver para nossa casa.

Recordo o meu irmão nessa altura como alguém muito confiante e decidido. Apoiava-me muito nele, e se tivesse insónias ou um sonho mau era na cama dele que me enfiava. Vivíamos as mesmas tristezas, passávamos pelas mesmas dificuldades e perto dele sentia-me compreendida e protegida.

Mas a minha mãe opunha-se. Não gostava quando acordava e nos via no mesmo quarto, achava que um menino e uma menina das nossas idades já não deviam dormir juntos.

Uma noite cheguei ao quarto dele e ele disse-me:

– Vai-te embora, a mãe não deixa!

– Mas eu fico no chão.

E foi assim que perdi aquele aconchego protetor, o único que conhecia, agora sem os meus avós debaixo do mesmo teto.

As riscas do colchão

O meu irmão cresceu, tornou-se mais independente e deixou de ir passar os fins de semana com o meu pai.

Passei a ir só eu: entre os meus onze e treze anos, passei a ser eu que, de 15 em 15 dias, «ajudava» nas manias. O engraçado é que no início senti-me importante, gostei, era como se tivesse sido promovida. Agora eu era capaz, levada a sério e com capacidade para ajudar.

E, por vezes, era na Pedro Ivo que ficávamos.

As minhas lembranças do espaço da Pedro Ivo começam nesta época. Entrando no hall da casa, à esquerda a entrada para a cozinha, em frente uma porta fechada e um pequeno corredor para a sala. Atrás daquela porta fechada existia uma câmara escura. Ele contava que havia revelado muitas fotografias ali, fotografias lindas da minha mãe e nossas, do tempo em que éramos bebés. Nunca vi essa porta aberta, e nunca cheguei a ver essas fotografias.

Onde antes estava a mesa de jantar existia agora um colchão de casal. Apesar dos quartos serem no piso de cima era naquele colchão que dormíamos.

Passávamos dias inteiros ali, ele demorava horas a fazer a cama e eu ia confirmando se os riscos desenhados nos lençóis estavam paralelos e centrados com o colchão, ou se as fronhas das almofadas tinham os cantos já nem sei bem como.

Eu não podia prever quantas vezes ia ouvir a mesma pergunta, mas esforçava-me para ser o mais eficaz possível na resposta. Não podia confirmar com um simples «sim» ou «não». As respostas deviam ser

completas, com todos os elementos necessários, tal como se aprende na disciplina de Português, na 4.ª classe, e repetidas várias vezes como se de uma lengalenga se tratasse.

Também devia olhar várias vezes com muita atenção para os objetos de dúvida dele. Eu olhava, explicava o que vira, ele mantinha a incerteza. Então eu voltava a olhar, com a mesma atenção e interesse das vezes anteriores. Isto repetia-se muitas vezes.

– Sim, as riscas dos lençóis estão centradas com o colchão.

– De certeza absoluta?

– Sim de certeza absoluta.

– Sim, as riscas do colchão estão paralelas à borda do colchão. Sim, os cantos das almofadas estão esticados, os dois à mesma distância do colchão.

– De certeza absoluta?

– Sim, de certeza absoluta.

– Não, o pai não tocou em nada quando se afastou. Não, não fez vento suficiente para que as coisas saíssem do sítio.

– De certeza absoluta?

– Sim, de certeza absoluta.

Quando estávamos naquela sala a doença do meu pai comandava todos os nossos movimentos.

Percebi muito cedo que a sua ansiedade estava associada à minha impaciência, por isso mostrava disponibilidade total. A minha frustração perturbava-o. Um simples revirar de olhos ofendia-o, representava um ataque à sua doença. Eu disfarçava o meu cansaço. Continha suspiros: tentava controlar a minha própria ansiedade. O meu esforço era nada quando comparado com o seu sofrimento, ele vivia preso numa tormenta que eu procurava aliviar.

Garantir a sua estabilidade emocional era o único foco naqueles dias em que estávamos entre quatro paredes.

Apenas com 10 anos eu acreditava que o bem-estar do meu pai dependia da minha compreensão e dedicação.

Ficava sentada no chão de alcatifa muito quietinha, rodeada de caixotes empilhados e sacos de plástico ou de papel com roupa, todos hermeticamente fechados, exatamente da mesma forma, com nós e laços perfeitos, à mesma distância entre eles e alinhados uns com os outros. Sempre que o meu pai guardava ali um saco com roupa, uma nova fonte de manias nascia e por isso o número de sacos pousados no chão ia crescendo e dificilmente voltaria a ser mexido.

Nas paredes, quadros herdados, retratos de antepassados. Homens imponentes vestidos com fardas e uniformes, brasões e insígnias que o meu pai fazia questão de explicar quem eram, os seus feitos e grau de parentesco.

Também era um grande colecionador e, numa mesa grande, de pau preto, tinha entre outras coisas, uma coleção de réplicas de pistolas. Explicava-me que uma se chamava Magnum, outra Luger e ainda outras com nomes de que já não me recordo. E eu fingia interesse. Examinávamos sempre a posição das pistolas entre si: era a mancha homogénea de pó cinzento em cima da mesa e dos objetos que servia de referência para essas verificações. Era a possível ausência de pó na mesa que indicaria se tinham saído do sítio.

Como também era de evitar mexer em interruptores, à medida que anoitecia íamos ficando na penumbra.

A sala de jantar estava dividida da sala de estar por uma estante de vidro, já opaco pelo pó, e ao fundo um sofá de veludo castanho que a minha memória me diz que era enorme, mas talvez não fosse. Eu já não podia sentar-me naquele sofá, mas eu não tinha interesse em sentar-me ali, pois as almofadas sairiam do sítio e isso implicaria sair de casa ainda mais tarde.

A sala tinha uma varanda fechada em corredor onde nunca entrei. Na parede ao fundo desse corredor existia um alvo de dardos ali pendurado para jogarem com amigos. A meio do corredor uma aparelhagem, colunas de som muito grandes da JBL, gira-discos e uma coleção de discos de vinil que deixava o meu pai extremamente

orgulhoso. Só os ouvi tocar uma vez, mas ele falava muito nos seus discos raros.

Claro que entrar na cozinha era impensável, por isso o meu pai comprava sempre qualquer coisa no dia anterior para entreter a fome. Geralmente, uma caixa de cartão da pastelaria com uns rissóis ou croquetes e um Compal de pêra.

Quando o meu pai se começava a vestir o alento voltava e a saída de casa já estava próxima, faltava apenas confirmar se o canelado das meias estava vertical, a simetria da dobra das mangas da camisa ou se a presilha do cinto estava como devia.

Só conseguíamos sair de casa já de noite e tínhamos sempre de ver se havia correio.

Eu não gostava nada de «ir ao correio» porque ficávamos ali muito tempo em pé num burburinho de perguntas e respostas. Havia moradores a entrar e a sair e eu sabia que eles deviam achar aquilo estranho, ver ali um homem e uma miúda durante muito tempo a murmurar no átrio do prédio. Era todo em pedra amarelada e fria, a luz apagava com uma cadência pontual. Às vezes acendíamos a luz, noutras ficávamos no escuro, deixando que o nosso murmurar ecoasse pelas escadas.

Àquela hora, eu já me encontrava exausta e saturada, mas isso não era desculpa para não estar em pé a fazer verificações:

– Sim, está bem fechada.

– De certeza absoluta?

– Sim, de certeza absoluta.

– Ouviste o click ao fechar?

Perguntava-me, após dar a volta à chave e o trinco interior de metal rodar para travar a porta da caixa do correio. Este movimento era repetido muitas vezes. A ansiedade dele tinha mesmo de ultrapassar este ponto. Seguidamente, tinha de ultrapassar a aceitação à minha resposta, que também era repetida vezes sem conta.

– Sim, ouvi o click ao fechar.

– De certeza absoluta?

– Sim, de certeza absoluta.

– Empurrei bem para fechar? Tirei o dedo devagarinho e sem colar?

Empurrava a caixa com o dedo indicador, com muita força para o voltar a afastar lentamente na direção oposta, de seguida, era preciso convencer-se de que o suor ou gordura natural do seu dedo não o fariam colar no metal.... impedindo a caixa de ficar tão obsessivamente fechada como se pretendia.

– Sim, ficou bem fechada e tirou o dedo devagarinho e sem colar.

– De certeza absoluta?

– Sim, de certeza absoluta.

Voltava a empurrar e o processo de observação e verificação recomeçava.

– As cartas não têm os cantos dobrados? Estão todas a escrever na mesma direção?

Depois do correio íamos para o carro. Eu entrava primeiro e, sentada no banco com as pernas de fora batia os pés no chão, fazíamos contagens "1,2,3". "1,2,3" para soltar eventuais porcarias na sola dos sapados. De seguida levantava os pés e batia um no outro, "1,2,3", "1,2,3", repetia as vezes que ele achasse bem, e rodava o corpo devagar e com os pés no ar para dentro do carro. Era muito importante que os pés não tocassem na porta, nas borrachas e nos plásticos do carro.

Eu também ajudava nas suas contagens e confirmava que os pés não tinham tocado em nada.

Às vezes voltava a ser invadido por dúvidas anteriores e voltava a perguntar-me pelas riscas do lençol e pelo trinco da porta e lá voltava eu a repetir a lengalenga quantas vezes fossem necessárias para que a compulsão e as dúvidas obsessivas ficassem resolvidas.

Ele dizia que precisava de mim, que confiava mais no meu pensamento do que no dele, que a minha ajuda faria com que as dúvidas passassem mais depressa.

Um dia, num profundo desejo de agradar e numa tentativa de ser ainda mais convincente, respondi:

– Sim de certeza absoluta sintética analítica.

– Sintética analítica? – respondeu o meu pai surpreso.

– Sim! Sintética analítica!

E o que começou como uma brincadeira perdurou por alguns anos. Nas respostas, a certeza já não era só absoluta, passara a ser "absoluta sintética analítica.

Apesar de tudo, eu amava e respeitava o meu pai.

Íamos sempre jantar fora, ele era muito empático e comunicativo, conversava comigo e eu precisava dessa atenção. Era sempre sensível e compreensivo com as minhas tristezas.

Era nas tascas lisboetas ou num restaurante indiano na Av. Almirante Reis (que ambos gostávamos ou que eu acreditava gostar), que degustávamos a refeição, partilhávamos as minhas inseguranças e ele me respondia com carinho e sensibilidade.

O meu pai falava muito na minha mãe. Foram centenas as vezes em que ouvi a história sobre o dia em que ele havia conhecido a avó Luz ou sobre o dia em que, numa festa, pedira a minha mãe em namoro.

Também conversávamos sobre o divórcio. O problema não estava nele, pois ele não era culpado de ter aquela doença, que tanto sofrimento lhe trazia. A culpa era da incapacidade da minha mãe em lidar com o POC dele. Descrevia a minha mãe como uma pessoa muito fria e conflituosa e voltava a falar nas nódoas negras e no lápis de carvão.

Às vezes partilhava um pouco da sua evolução psiquiátrica. A certa altura, começou a fazer terapia de grupo e estava muito motivado.

Falava sobre a música do seu tempo e arranjava-me cassetes: eu só conhecia aquelas músicas dos anos 70 e já as sabia de cor.

Tinha uma enciclopédia de anedotas na cabeça e às vezes também nos ríamos.

Magro e de cabelos muito escuros usava nesta altura um vistoso bigode com pontas reviradas para cima que lhe conferiam um ar muito monárquico. Revirava constantemente as suas pontas com o

polegar e o indicador procurando sempre manter a simetria. O meu pai era em tudo diferente dos outros pais.

Quando, aos domingos, voltava para a minha mãe, trazia sempre esperança dentro de mim:

– O pai já não está tão mal como a mãe se lembra, ele vai ficar bom.

– Lá vens tu a falar à bebé, pareces uma pateta. Voltas sempre com o discurso ensaiado de que o teu pai é um coitadinho. Não acredito em nada disso.

Entre o meu pai e eu existia um entendimento, um acordo silencioso de compreensão e apoio total, por isso sim: voltava sempre com o coração mimado e com o sentimento de que o abandonava naqueles 15 dias de intervalo. Eu tinha de o ajudar: Ele só podia contar comigo.

Convencera-me que havia sido abandonado de forma muito dura e só eu compreendia a sua dor. Nunca questionei se o deveria ajudar ou não, isso era um dado mais do que adquirido, era a realidade do pai que tinha.

Mas era bom regressar a casa, uma das minhas brincadeiras preferidas era atar elásticos às cadeiras e brincava assim durante horas, a saltar de elástico em elástico no meio da sala, enquanto a minha mãe via televisão e fazia tricot.

As aulas de piano

Na pré-adolescência comecei a usar uns grandes óculos de tartaruga e isso não ajudou na minha autoestima. Eu sabia que não era bonita.

No estudo era responsável e cumpria os objetivos traçados, sem esforço e com distinção. Estas notas, sempre acima da média, proporcionavam-me a total confiança da parte da minha mãe. Neste campo, ela não tinha de se preocupar com nada.

O meu comportamento não era exemplar, perdera alguma da minha timidez e tornara-me obstinada e reivindicativa, ávida pela vida, pela liberdade.

Mas apesar de, já ter muitos amigos e pertencer ao «grupinho dos fixes», o meu sarcasmo natural e forma fria de ver a vida levava os outros a avaliarem-me como distante.

Nem as minhas amigas mais próximas tinham conhecimento da minha realidade paralela, eu não falava sobre isso com ninguém. No fundo, sabia que ninguém iria compreender, não era algo que pudesse partilhar com os meus amigos. Aquele era um tema demasiado complexo para discutir com pessoas da minha idade. Como é que eu iria explicar aquilo? Ou justificar as nossas ações?

Eu não queria ser mal interpretada, e não encontrava palavras para explicar o que se vivia na casa do meu pai. Aos meus olhos, o comportamento do meu pai era desculpável, eu via nele muitas coisas boas.

Se surgisse o tópico do divórcio entre amigos, filhos de pais divorciados, às vezes acabava por dar uma justificação rápida:

– O meu pai é diferente dos outros pais, tem uns problemas e é difícil viver com ele.

Geralmente era suficiente.

Mas se a conversa evoluísse terminaria as explicações encolhendo os ombros, arrematando em tom de indiferença:

– O meu pai não é maluco, é só muito arrumadinho.

A minha vida era apenas diferente da dos meus amigos.

Um dia a minha mãe disse-me:

– Acho que devias ir falar com uma psicóloga, vou marcar.

Fiz uma careta:

– Psicóloga? Não quero.

– Mas vais, se não falas comigo tens de falar com alguém, vai fazer-te bem.

E fui. Uma vez.

Não me sentia preparada para falar dos meus sentimentos mais íntimos com uma estranha:

– Olá, Ana, porque estás aqui?

– Porque a minha mãe quis.

– Nos estudos está tudo bem?

– Sim, ótimo, estou no quadro de honra.

– E tens amigos?

– Sim, muitos.

– Diz-me: e com a tua mãe tens uma boa relação?

– Sim, tenho.

– E com o teu pai?

– Também.

– Então se está tudo bem contigo porque estás aqui?

– Porque a minha mãe quis.

Não voltei a vê-la e a minha mãe não insistiu.

Eu tinha muita dificuldade em exprimir-me, em explicar o problema do meu pai e o que sentia relativamente a isso. Por mais que tentasse não conseguia fazer a outra pessoa sentir o que eu sentia. Eu acreditava que só no convívio diário é que a pessoa entenderia.

Mas andei no piano na escola e, num misto de não querer aprender piano e precisar de desabafar, acabei por eleger a professora de piano como a minha psicóloga de serviço.

A Irmã Antónia não usava véu, o seu cabelo era muito preto e tinha uma figura pequena e magra. Era muito querida e foi das poucas pessoas com quem falei. Era muito paciente, não me interrompia.

O piano encontrava-se ao fundo da sala junto à janela e foi com as duas sentadas lado a lado, em frente ao grande piano de cauda preto que eu ganhei a confiança para falar.

Com o tempo, a Irmã Antónia tornou-se alguém que, com a sua voz doce e pacífica, se tornou num porto de abrigo.

Às vezes ouvia-me a hora inteira a falar sobre os meus dramas e as manias do meu pai. Sobre o Guimarães. Ou sobre a minha mãe.

Férias

Nas férias o meu pai levava-nos 15 dias para a Praia da Rocha e eu adorava essas férias. Íamos todos os anos e tanto eu, como o meu irmão, já tínhamos o nosso grupo de amigos por lá.

Como a casa não era dele sentíamo-nos todos mais leves. As manias permaneciam só nos seus objetos pessoais.

Passávamos os dias na praia ou no barco do amigo do meu pai.

Às vezes jantávamos fora, outras o meu irmão ia para a cozinha e fazia-nos hambúrgueres com arroz ou enfiava umas pizzas no forno enquanto eu punha a mesa e o meu pai dava palpites de culinária.

Saíamos todas as noites, para encontros no areal ou para andar pela rua principal e, com sorte, tentar entrar nalgum bar ou discoteca que não era para a minha idade.

Ao fim de duas semanas a viver na casa alugada já as manias se haviam estendido: a uma torneira que ficara mal fechada, ao tempo despendido para fazer a cama, ao trinco da porta.

No último ano, as férias acabaram com uma grande discussão entre os dois. O meu irmão acusava-o repetidamente de egoísta enquanto ele respondia:

– Respeita-me que eu sou teu pai! Sabes lá tu o que é viver com a minha doença. Respeita-me que eu sou teu pai!

– O pai é só um grande egoísta, só pensa em si.

Eu não sabia qual o motivo concreto daquele desentendimento, mas conseguia adivinhar.

Ele começara a questionar aquela vida e a afastar-se do meu pai.

O meu irmão, em quem sempre me apoiei, assumia para comigo uma postura paternal, que não era exatamente o que eu precisava. Quando a minha mãe não sabia se devia deixar-me sair, ficar de castigo ou até usar aquela saia demasiado curta, pedia-lhe conselhos. Ele era sempre rígido, tinha muitas vezes o poder de decisão, o que me irritava muito. Ele era meu irmão e eu não queria que me desse ordens.

Mas ele era mesmo assim. Aos dezasseis anos comportava-se como se fosse um adulto, havia crescido muito depressa, demasiado cedo.

Nunca falávamos sobre o meu pai e sobre o que cada um viveu ou como é que isso nos moldava, mas dávamo-nos bem.

Ele chegava da escola, vinha ter comigo ao quarto e dizia:

– Ana, 'bora fazer crepes de chocolate?

Às vezes, fazíamos os crepes, outras vezes umas tostas mistas e ele dizia sempre:

– As tuas tostas mistas são as melhores.

Quando tinha férias organizadas pela Universidade convidava-me para ir ele e com os seus amigos e eu gostava daquela atenção. Ficava surpreendida e sentia-me elogiada com o interesse dele na minha companhia.

– Vens comigo, para não ficares por Cascais a fazer asneiras – dizia, num piscar de olhos invisível.

Aos 18 anos saiu de casa foi viver para casa da avó Alice.

Fez-me muita falta não o ter em casa todos os dias.

Grande dupla

Com a ida do meu irmão para Lisboa, o ambiente em casa complicou-se. Se, ao início, o Guimarães parecia tratar bem a minha mãe, delicado e atencioso, aos poucos foi-se tornando cada vez mais falso e presunçoso, provocador com ela e comigo. Havia muitas discussões entre mim e ele que a minha mãe tentava evitar, e eu, que procurava solidariedade, acabava sempre por me sentir inferiorizada e triste.

Se eu desse alguma opinião sobre qualquer assunto, ele mandava-me calar, referia-se a mim como «a pirralha» e eu não gostava nada dele.

– Cala-te pirralha.

Se eu estivesse na sala a ver um filme, ele entrava em silêncio, agarrava no comando e mudava de canal, como se eu não existisse. Por isso, sempre que ele entrava na sala, eu saía.

Quando recebiam visitas, habituara-se a fazer humor com histórias minhas, coisas menores que eu podia ter dito ou feito. Fazia pouco de mim e contava vezes sem conta as mesmas histórias para os amigos se rirem.

– Sabem aquela vez em que a Ana comeu uma caixa com vários restos de comida que eu ia dar ao cão? – ria-se sempre como se fosse a primeira vez que contava aquela história.

– Sabem que uma vez levei a Ana a um museu e ela disse que já estava farta de ver Picassos? Hahahaha.

Mesmo a melhor das piadas contada 30 vezes perderia a graça.

– A Ana não tem sentido de humor.

A pouco e pouco eu deixara de comunicar em casa. Sentia-me incompreendida. Aos 15 anos o meu maior desejo era sair de casa e ser independente.

Nestes fins-de-semana em casa da minha mãe saía muito com os meus avós.

Não obstante terem sete netos, eu era a única menina e tinha especial atenção por isso. Iam buscar-me muitas vezes para irmos almoçar e levavam-me a passear. A minha avó valorizava muito a aparência e eu não a queria desiludir, por isso ia sempre impecavelmente vestida. Mimavam-me muito, levavam me às compras e tinham sempre tempo para mim. Eram muito presentes e dedicados. Foram uma força muito importante na minha vida.

Eu já não ia todos os 15 dias para o meu pai, contudo sempre que acontecia alguma discussão mais séria em casa da minha mãe, eu ia ter com ele. Eu sabia que ele me daria razão, com companheirismo, já que me apoiava sempre em tudo. Eu sentia que o meu pai me tratava como adulta, de igual para igual e gostava disso.

A primeira namorada séria com quem o meu pai viveu depois da separação tinha dois filhos pequenos e era para casa dela que eu «fugia» quando precisava de apoio.

A Ana era querida comigo e eu gostava de ir para lá. O ambiente familiar daquela casa dava-me conforto e o vislumbre de uma vida normal com o meu pai.

No entanto a doença dele permanecia sempre. Na casa da Ana, ele passava as manhãs e tardes fechado no quarto, de volta das coisas dele e, também aqui, só conseguíamos sair de casa já perto da hora de jantar.

A Ana percebia-o. Nesta altura não era eu que o acompanhava nas manias, era ela que o fazia.

Quando saíamos de casa ele compensava tudo. Tinha muito para dar, ríamos e conversávamos todos, adultos, jovens e crianças. Com aqueles momentos, ele retribuía o nosso sacrifício e esquecíamo-nos

do que tínhamos deixado em casa. Ele elogiava-me, dizia que eu era sensível como ele, que eu havia herdado a sua inteligência.

Sempre gostou muito de dançar, por isso, se calhasse irmos a um sítio com música, dançávamos sempre os dois com passos sincronizados que já fazíamos de cor. Todos os amigos diziam que fazíamos uma grande dupla e a nossa cumplicidade era muito elogiada por todos.

Contudo a relação entre a Ana e o meu Pai não era estável. Ele limitava muito a vida dela e precisava muito da sua atenção, pelo que as discussões entre eles eram frequentes. Acabaram e recomeçaram muitas vezes, mantendo sempre amizade e respeito.

A minha avó Alice servia permanentemente de moderadora, sempre presente, com força e com perseverança lutava pela estabilidade e felicidade do filho. Mas o facto de a Ana não querer impor aquela realidade aos seus filhos falou mais alto, e a relação terminou. Não posso julgá-la por isso.

Toque numa mão, cigarros na outra

Quando decidi seguir Artes tive de mudar de colégio e fui para o Liceu de Cascais. Tirei os óculos e passei a usar lentes de contacto. Na adolescência, a crescer e a ficar mais confiante, eu tornara-me mais espontânea e decidida.

Com a entrada no liceu, surgiu uma nova fase, fiz grandes amigas que ainda hoje mantenho.

O liceu de Cascais era conhecido por ser uma obra inacabada com paredes cinzentas e corredores ao ar livre que davam acesso às dezenas de salas de aulas. Foi num desses corredores, à porta da sala, à espera da primeira aula da manhã, que conheci a Madalena. A primeira lembrança que tenho daquela nova colega de turma, loira, alta e extremamente magra, que apareceu de toque na mão foi:

– Mas que grande betinha!…

Na outra mão, segurava os cigarros que fumava sem intervalo pelo canto da boca soprando o fumo na direção oposta.

No entanto a Madalena não era assim tão queque nem sequer andava na equitação. Foi em pouco tempo que nos tornámo-nos inseparáveis.

A Madalena vivia perto do Liceu, num apartamento Duplex com um sótão com uma entrada independente. O sótão era uma sala grande e confortável e os pais dela nunca subiam as escadas o que nos deixava completamente à vontade. Nesta época, acho que estava mais tempo em casa dela do que na minha. Quando terminavam as aulas íamos para o sótão e ali passávamos tardes inteiras.

Os encontros com amigos aconteciam dentro e fora do Liceu.

Quando não íamos para casa uns dos outros passávamos horas sem fazer nada, nos cafés, no Guincho ou na Quinta da Marinha.

Havia quem tivesse mota, o que nos dava facilidade de locomoção, e quem não tinha, ia à pendura. Éramos sempre muitos e andávamos em bando pelas ruas de Cascais.

O horário do liceu tinha muitos furos e horas livres.

Uma vez, num furo, fomos todos de mota ao Guincho. Eu ia com uma amiga e no regresso ela foi contra uma árvore e partimos as duas uma perna. Quando a ambulância chegou, estávamos as duas deitadas no chão, a rir à gargalhada. Perdeu a piada quando percebi que era sério e teria de ser operada. Fui proibida de voltar a andar de mota. Contudo uma semana depois de sair do hospital, ainda de muletas, estava novamente sentada em cima de uma.

A entrada na adolescência e a liberdade que o Liceu me proporcionava mostraram-me outra forma de ver a vida. Uma vida que eu estava a saborear. Agora não me imaginava viver de outra forma.

O telefone atrás do sofá

Entre as aulas, as tardes com os amigos e as saídas à noite, eu passava agora cada vez menos tempo em casa. Só queria sair, rir e diverti-me com os meus amigos.

Estávamos no ano de 1997, quando conheci o Pedro, numa noite na Discoteca Bafureira. Com as luzes brancas já acesas e a pista vazia, via-se agora o chão cinzento, com copos partidos e beatas espalmadas, naquele cenário deprimente de fim de festa.

Fiquei encostada ao bar como sempre fazia, enquanto esperava que as pessoas amontoadas junto ao bengaleiro dispersassem para chegar a minha vez.

Ele aproximou-se e perguntou-me:

– Ofereces-me um copo?

Ri-me.

– Que abordagem mais parva, paga tu.

– O bar já fechou, que estás aqui a fazer?

– À espera para ir buscar o meu casaco.

E, provavelmente tentando mostrar que também sabia ser cavalheiro, ofereceu-se para ir buscar as minhas coisas ao bengaleiro. Segui-o hesitante.

Pediu-me o número de telefone e deu-me o dele, num papelinho rasgado onde escreveu:

"as minhas palavras não te alcançariam nunca"

Achei piada. Porém, desconfiada por natureza como eu era, logo visualizei muitos papelinhos iguais àquele, distribuídos por bolsos

doutras raparigas.

Não foi amor à primeira vista.

Aquele rapaz de cabelo penteado ao lado, camisa branca por fora das Levi's 501 e sapatos de vela que metia conversa comigo parecia igual a todos os rapazes da nossa idade e isso não me cativava.

Contudo o Pedro não desistiu. Engraçara mesmo comigo e começou a telefonar-me todos os dias.

Naquela altura, não existiam telemóveis e o telefone encontrava-se na sala de estar onde a minha mãe e o Guimarães viam televisão. Eu falava muito baixinho, escondida atrás de um sofá, para eles não ouvirem as minhas conversas e ficávamos horas ao telefone. A cada dia que passava, mais tempo ficávamos ao telefone, melhor nos conhecíamos e mais proximidade tínhamos.

– Queres namorar comigo?

– Sim!

Tornou-se num namoro estável e descomplicado, por coincidência ou não, algumas das minhas amigas começaram a namorar com amigos dele e era tudo muito fácil.

A cada dia que passava, gostava mais dele e ele de mim. Eu respirava Pedro, fazíamos declarações de amor e eu achava que era amor para a vida toda: estava feliz e apaixonada.

O nosso namoro era diferente dos namoros das minhas amigas: ele tratava-me sempre bem.

Conhecíamos as famílias um do outro, ele frequentava a minha casa e eu a dele.

Com o Pedro e os seus abraços eu sentia-me protegida, eu era o centro das suas atenções: o Pedro era o meu príncipe perfeito.

No Liceu, quando dava o toque de saída, encontrava-o sempre à minha espera no portão, para passarmos a tarde juntos.

Nesse ano, o meu pai começou a namorar com a Nini.

A Nini vivia no Algarve. Recordo-a com uns volumosos cabelos loiros, muito encaracolados, que lhe davam um ar muito jovial e

divertido. Era educadora de crianças com necessidades especiais e falava muito nos «seus meninos».

Passavam o tempo deles entre Faro e Lisboa. A casa da Pedro Ivo estava fechada e sem condições há vários anos e o meu pai habituara-se a dormir em hotéis, porém a Nini tinha outras aspirações. Então, empenhada e motivada, ela conseguiu convencê-lo a tornar aquela casa habitável: o plano era tornar aquela casa num lar, o lar do meu pai e onde eles poderiam viver juntos. Iriam arranjar uma divisão de cada vez. Começaram pela cozinha.

Nesse ano, em que eles namoravam, levei a Madalena comigo de férias e ficámos em casa dela.

De dia ela pintava T-shirts para os alunos dela e eu ajudava. A Nini era muito meiga, às vezes, tão afetuosa que se tornava maçadora, principalmente para mim, que cresci com poucas demonstrações de afeto.

Todavia revelava sempre boa disposição e paciência.

Em casa da Nini as manias eram discretas e demorávamos pouco tempo a sair. Naquela casa, que ele só frequentava em fins de semana espaçados, e com a presença da Madalena, ele era muito comedido nos seus rituais que não iam além dos seus objetos pessoais e dentro do quarto.

E à noite eu tinha toda a liberdade para ir sair com os meus amigos e com o Pedro para Vilamoura.

No entanto o nosso namoro tinha os dias contados.

Um a um, os nossos amigos foram terminando as suas relações. As ruturas ficaram difíceis de gerir e os momentos que tínhamos agora eram apenas dos dois, só os dois, sempre. Era bom, dávamo-nos bem, no entanto com 16 anos havia todo um outro mundo por explorar.

Ao fim de um ano e meio de namoro acabámos, não deixámos de gostar um do outro, mas discutíamos muito. O Pedro gostava de sair com os amigos, e eu sentia-me sempre insegura.

Nesse dia, em casa dele, chorámos abraçados e despedimo-nos:

– Vais ver que um dia ainda vamos casar.

Pareceu-me quase surreal ele estar a dizer-me aquilo, ali, naquele momento em que eu chorava devastada. Senti que me aprisionava com as amarras duma esperança eterna.

Apesar de perceber aquele fim inevitável, fiquei para morrer.

O meu pai acompanhou o meu sofrimento, sempre sensível com as minhas dores, como me habituara.

Escusado será dizer que a sua relação com a Nini também chegava ao fim. A cozinha da Pedro Ivo estava agora arranjada, mas com o fim daquele namoro as ideias de recuperação da casa esmoreceram e o meu pai nunca mais lá entrou.

Não tínhamos a tradicional relação de pai e filha, conversávamos abertamente como amigos, sobre tudo.

E sempre que era publicada alguma notícia ou algum artigo sobre a Perturbação-obsessivo-Compulsiva ele partilhava comigo.

Ele buscava compreensão e eu informação, eu também queria perceber melhor a doença dele e desta forma conseguir perdoar a pressão que havia sentido tantas vezes.

Uma vez, falou-me num programa sobre o POC, que ia dar num canal cabo qualquer e eu vi.

Assisti com rigor aos 60 casos, em 30 episódios, de pessoas com POC: vi todos. Procurava identificar-me, como familiar de POC naqueles casos, todavia nenhum daqueles casos era como o do meu pai, nenhum daqueles casos vivia dependente de outros para satisfazer as suas compulsões. E isso suscitou em mim estranheza e dúvida. Parecia confirmar questões que me assombravam.

Lançou muitas questões que, no entanto, guardei para mim.

Dos cartões à repulsa

Foi num domingo que percebi que a doença do meu pai era mais forte que o meu bem-estar.

Apesar de já não entrarmos na Pedro Ivo, aos domingos íamos sempre ao correio pois continuava a ser a sua morada oficial. O correio só era visto de 15 em 15 dias e encontrávamos sempre a caixa a transbordar de cartas.

Eu detestava ir ao correio, mas não tinha como evitar.

Naquele dia em especial, fui invadida por umas dores de barriga tão fortes que mal me aguentava de pé. Ainda assim vi e respondi a todas as dúvidas como ele precisava que eu fizesse.

Já no carro, encolhida de dores, percebi que era preciso levantar dinheiro para pagar a pensão de alimentos. Eu sabia muito bem o que isso significava e o tempo que demoraria, contudo apesar das minhas cólicas cada vez mais fortes ele insistiu:

– Não precisas de sair do carro, eu vou só ali levantar dinheiro e já venho.

Foi ao multibanco e voltou a entrar no carro com os talões e o mini porta-cartões em couro preto que usava sempre.

– Só preciso de saber se os cartões estão centrados uns com os outros no porta-cartões.

– Pai, dói-me muito a barriga.

– Vê lá, preciso que vejas.

– Pai, não… dói-me a barriga…

– Vê lá se os cartões estão centrados, olha com atenção.

– Estão…

– O quê?

– Centrados... – eu olhava sem ver, na cadência exigida e ia respondendo.

– Olha outra vez com atenção.

– Os cartões estão centrados na carteira.

– De certeza?

– Absoluta – eu tinha vontade de chorar, não queria ser forçada a fazer aquilo, não naquele momento.

– Agora tens de ver outra vez, não estou tranquilo.

– Agora vê se as letras escrevem todas no mesmo sentido. Agora vê que número está escrito no talão. Qual é o saldo? O talão tem algum dos cantos dobrados? Vê melhor. Os cartões estão centrados na carteira?

Sentia-me presa, presa naquele jogo de perguntas e respostas, eu TINHA de colaborar, TINHA de responder. E ele queria que eu o fizesse da forma mais submissa possível, era essa a minha obrigação.

Se eu demonstrasse cansaço ou impaciência, a resposta era só uma:

– Estás a ficar igual a tua mãe. – e isso não era de todo um elogio.

Foi naquele momento que finalmente percebi que aquelas ajudas que eu lhe dava afinal eram, para ele, uma incumbência de filha. A escolha não era minha. Senti-me maltratada, fiquei irritada comigo, senti raiva dele.

Quando cheguei a casa deitei-me na minha cama e chorei. Duas horas depois as dores passaram.

Estas dores iam e vinham em ondas e aparentemente sem motivo.

No dia seguinte, achando que podia ser apendicite a minha mãe levou-me ao hospital, não era apendicite e voltei para casa.

Todavia as dores não passavam e um mês passado voltámos ao médico, fomos a um especialista qualquer da área. Fiz Raio-X, fiz ecografias e nada. Ele confirmou o mesmo que já nos fora dito: só podia ser emocional, dores psicossomáticas.

– Se calhar devia levar a Ana a um psicólogo? Fisicamente ela não tem nada.

Nesse dia a minha mãe perguntou-me:

– Queres ir ao psicólogo?

– Não, eu estou bem. – respondi.

Pesquisei o que era isso de "dores psicossomáticas" e acabei por não dar importância. Era o que era, e se não havia nada a fazer, nada se faria.

Passámos o assunto à frente e com o tempo essas cólicas felizmente passaram.

Após a situação dos cartões, comecei a arranjar desculpas para não ir ter com o meu pai: as festas com os amigos, o aniversário duma amiga ou outra, estudar para um teste…

Outras vezes não lhe atendia o telefone. Eu simplesmente não o conseguia confrontar.

Acabou por perceber que eu precisava de espaço e estivemos mais de um ano sem nos vermos.

Durante esse período, não senti saudades. Ele não me fazia falta. Foi a primeira vez e desde então a minha atitude perante a doença dele nunca mais foi a mesma. A submissão esperada já não estava dentro de mim. A desilusão foi eterna.

Comecei a julgá-lo de forma crescente. Deixei de ver a sua doença como uma fraqueza.

Desenvolvi uma repulsa: vê-lo, mesmo que disfarçadamente, a olhar demoradamente para as coisas dele ou, com a namorada num burburinho de perguntas e respostas, passou a causar-me mau estar e aversão.

Tornei-me fria com ele, respondia da forma mais seca que conseguia, afastava-me para demonstrar que não estava disponível. Aquilo deixava-me inquieta e nervosa.

E assim foi o fim. No dia em que como tantos outros tive de verificar a posição duns cartões de multibanco, que fechei as minhas portas ao POC do meu pai.

Limites

Tinha agora 17 anos e encontrava-me novamente sozinha. Eu tinha de me divertir, estar sempre ocupada, simplesmente para não pensar.

Fazia grandes noitadas com a Madalena. Éramos unha com carne, uma puxava pela outra e ninguém nos parava.

Cascais era um ambiente pequeno e conhecíamos toda a gente, uma loira e outra morena, éramos giras, vistosas e barulhentas. A minha perspicácia e o carisma da Madalena traziam-nos sempre facilidades, tínhamos o mesmo tipo de humor e gostávamos as duas de explorar limites.

A certa altura, ficámos fartas de fazer as mesmas coisas, com as mesmas pessoas de sempre. Deixou de ter piada ir para os bares de Cascais e as discotecas onde «as pessoas como nós» iam, onde as caras, conversas e tentativas de engate se repetiam sem surpresa.

Não era isso que nos movia, por isso começámos a sair para onde ninguém nos conhecia e a fazer amizades com pessoas muito diferentes de nós, explorando uma realidade diferente da nossa.

E foi assim que comecei a saltar de mundo em mundo, de experiência em experiência. Íamos de um círculo social para outro em 30 minutos e fazíamos novas amizades com vidas totalmente opostas às nossas.

Queria fugir ao «normal», fazer diferente do que a minha família esperaria, era muito irreverente e divertia-me ao tentar chocar os que me conheciam.

Comecei a sair todas as noites até ver o dia nascer. Frequentava ambientes e sítios onde nunca me cruzaria com quem me

conhecesse. Vivi novas sensações, tudo aquilo era desafiante e novo. Eu sentia-me melhor na rua do que em casa.

E aquela liberdade toda agradava-me.

Não dormíamos, eu dizia que ia dormir a casa da Madalena e ela dizia que vinha dormir à minha e íamos sempre para Lisboa: saltávamos de discoteca em discoteca e não nos fartávamos. A «noite» só terminava na tarde do dia seguinte: estava sempre num pico de euforia e diversão.

Regressávamos de comboio e se acontecia chegarmos a Cascais demasiado cedo para voltar para casa, deambulávamos pelas ruas, e conversávamos: às vezes sobre assuntos sérios, outras sobre meras estupidezes que nos passavam pela cabeça.

A Madalena sabia tudo sobre a minha vida e eu sabia tudo sobre a vida dela.

Numa dessas vezes, a minha mãe resolveu telefonar à mãe dela a confirmar se eu dormira lá. Ligaram para hospitais e para a polícia à nossa procura até aparecermos em casa como se nada se passasse. Ficámos as duas de castigo, porém isso não mudou nada.

Se não dava para sair à noite, inventávamos trabalhos de grupo de madrugada, saíamos de casa pelas seis da manhã e seguíamos diretas para uma festa qualquer.

Era impossível impor-me limites, só fazia o que queria, se a minha mãe não deixasse, arranjava maneira de levar a minha avante.

Claro que a minha mãe não gostava da Madalena e a mãe dela não gostava de mim. Ambas achavam que eramos má influência e fomos proibidas de nos darmos. Não obstante isso nunca nos impediu do que quer que fosse, aos 16 anos fizemos vários piercings e tatuagens que escondemos durante muito tempo.

Às vezes íamos para festas fora de Lisboa.

Uma vez, a minha mãe, que já não estava a achar graça nenhuma ao que se passava disse-me:

– Tu hoje dormes em casa! Quando eu acordar quero encontrar-te na tua cama!

Contudo eu não reconhecia autoridade. Queria mesmo ir àquele festival. E fomos.

Ao chegar a casa, valeu-me um grande tabefe. Subi para o meu quarto sem sentir absolutamente nenhum remorso e fui dormir.

Tinha sido uma grande noite.

Mesmo magra

Subitamente percebi que não estava feliz comigo e com o meu corpo e quis ser magra, mas mesmo magra, como algumas das minhas amigas.

Tomei a decisão de fazer dieta: totalmente decidida a perder dois kg até ao verão.

Deixei de comer de um dia para o outro e no primeiro mês perdi 3,5 kg. Este início deu-me muita motivação para continuar e a cada mês que passava, a balança marcava menos um quilo.

Não comia nada. Levava para a escola uma bolacha que, dividida em dois, fazia o almoço e o lanche. O jantar era em família, por isso enchia o prato de alface, para disfarçar. Tentava esconder a comida por baixo dos talheres. Punha comida na boca, mastigava e cospia.

– Ana só estas a sujar o prato! – começou a reparar a minha mãe.

– Já não tenho fome. – respondia enjoada.

Fisicamente mudei muito, não havia um par de calças que não me escorregasse pela cintura e aquilo agradava-me.

Um dia, numa discoteca em Sintra, com um grupo de amigos, uma rapariga que eu não conhecia comentou:

– És muito parecida com uma amiga minha! Mas ela não é tão magra como tu.

Senti uma realização que sabia ser desprovida de sentido, todavia o prazer foi real, um reconhecimento pelo sacrifício.

Eu olhava ao espelho e gostava do que via.

Ao terceiro mês a minha mãe começava a ficar apreensiva, perguntava-me se estava bem, se se passava alguma coisa:

– Estou ótima!

Porém com o passar do tempo, a minha magreza parecia nunca ser suficiente, havia sempre gordura que só eu via. Vivia obcecada com o que comia.

Esta perda de peso começou a ser notada de forma menos saudável. E se um lado meu percebia, o outro, mais forte, acreditava que comer qualquer coisa fora da dieta podia «estragar tudo». Para mim, aquele bife ou aquela colher de arroz não eram comida: eram sinónimo de calorias que iam ficar dentro de mim, presas no meu corpo.

Assim, a ansiedade e o medo de recuperar os kg que havia perdido fizeram com que continuasse muito tempo naquela dieta super restritiva.

Tinha passado um ano, quando a minha mãe me perguntou:

– O teu período está certinho? Andei a ler umas coisas e fiquei preocupada.

Não, não estava, há muitos meses que não existia.

Em poucos meses, perdera muitos kg e esta rápida perda de peso causara efeitos secundários.

Tive de ouvir o sermão habitual, o que andava eu a fazer com a minha vida.

Na primeira consulta no médico endocrinologista eu pesei 46,5 e ele explicou que eu ainda não me encontrava num patamar considerado anorexia. Perguntou-me há quanto tempo eu não menstruava:

– Um ano. – respondi.

Recomendou exercício físico e uma alimentação mais saudável.

– No próximo mês quero voltar a ver a Ana.

Não obstante mantive as minhas rotinas, agora era eu que me encontrava presa aos meus rituais, aquele controlo que sentira outrora havia desaparecido e aquela obsessão dominava agora a minha vida, a minha saúde. Todos os ossos do meu corpo já marcavam a pele, à vista de todos.

Um mês depois de volta ao medico pesava menos 2kg. Eu não conseguia pensar de uma forma racional e, embora percebendo que aquilo que acontecia era muito errado, não consegui deixar de sentir uma satisfação meio demoníaca "AH AH, ainda consegui descer mais um bocadinho a balança!".

Tive de fazer muitas análises e exames e tomar uns antidepressivos para aumentar a fome.

A minha mãe não queria acreditar naquilo, à saída do médico confrontou-me:

– Tu com essa brincadeira não vais conseguir ser mãe! Não percebes o que estás a fazer contigo??

Ouvi e senti aquelas palavras como se tivesse levado um par de estalos e um grito ao ouvido "ACORDA!!!!". Foi um choque finalmente interiorizar as repercussões a longo prazo daquela situação. Nesse momento percebi que aquilo passara a dominar a minha vida de uma forma perigosa. Lutar contra aquela situação, pelo meu futuro e pelo meu bem-estar, mais uma vez e como em tantas situações na minha vida: só dependia de mim.

E de facto, aqueles comprimidos davam uma fome absurda.

Eu queria ser saudável, mas não queria comer os seis bifes que aqueles comprimidos diziam à minha cabeça para comer. Passei a observar a minha mãe à mesa e a copiar, obriguei-me a reaprender a comer.

Quando cheguei aos 50 kg e a menstruação voltou, recuperei as minhas forças, voltei a ter energia e fui para o ginásio, um hábito que mantenho até hoje.

Voltar a engordar foi o mais simples em todo o processo, deixar de pensar em calorias, o mais difícil. Ainda hoje conto.

Não consigo encontrar dentro de mim uma explicação isolada para esta perda de peso ter acontecido. Existiu uma combinação de fatores que me foram dirigindo para aquela situação.

Aquilo dava-me a sensação de poder, eu era o que eu queria ser, eu fazia o que eu queria fazer. Ninguém, nem nada me controlava. Eu

não conseguia controlar a vida que me rodeava, realizar os meus sonhos, mas tinha total controlo sobre mim e isso ninguém me tirava.

Até que, na verdade, aquilo passou a controlar-me.

Eu sentia-me perdida, sentia um buraco dentro de mim: mesmo rodeada de gente sentia-me profundamente só e incompreendida, embrulhada em discussões, dramas e dilemas existenciais. Vivia zangada com o mundo.

Foi uma época cheia de experiências, sustos e desilusões, de ambições e sonhos, no entanto também de aprendizagem e evolução. Tempos carregados de sentimentos de injustiça e de decisões erradas das quais não me arrependo. Ajudaram-me a ver a vida de outro prisma, para vir a conquistar uma vida mais calma e equilibrada.

Apesar da espiral em que vivia, nunca perdi o foco nos estudos e entrei na faculdade de Arquitetura que escolhi, com 20 valores a geometria descritiva. Tive muito orgulho nessa nota, contava a toda a gente. Mais uma coisa que eu podia controlar: os estudos.

E não viveram felizes para sempre

Numa noite de Fevereiro de 2002, fazia cinco anos que não me cruzava com o Pedro, quando o vi ao longe numa discoteca em Belém.

Era terça-feira de Carnaval e eu usava um top de renda branco transparente, uma enorme peruca loira aos caracóis e um chapéu de abas grande branco. Apresentava a imagem de uma barbie-cowboy e não era assim que eu queria que ele me visse.

As minhas amigas provocavam-me:

– Vai lá Ana, vai lá cumprimentar!

Olhar para ele despertava em mim sentimentos fortes que pensava ultrapassados.

Aproximei-me, por trás, toquei-lhe no ombro e sorri:

– Olá.

Demos um beijinho e foi imediato, em três segundos estávamos a «curtir», como se dizia naqueles tempos. Em cinco segundos eu apaixonara-me novamente.

Haviam passado anos, a minha vida seguira em frente e o que julgava adormecido agora percorria-me o corpo carregado de sensações.

E o meu espírito sonhador fez uma leitura daquela situação tipo filme romântico hollywoodesco:

E viveram felizes para sempre

Para mim aquilo era surreal, contudo ao contrário do que idealizara, revelou-se uma ilusão.

A pouco e pouco fui percebendo que o passado era apenas isso: passado. O Pedro não me procurava, não tinha tempo para mim. Mostrou-se indiferente e eu senti-me insignificante e triste. Triste e zangada, zangada com ele por se ter esquecido de nós, mas principalmente zangada comigo, por ter idealizado, fantasiado com algo que nunca recuperaria.

A história que eu recordava com tanto afeto não tinha o mesmo significado para ele, e aqueles encontros desprovidos de sentimento afastaram o meu coração, deixara de fazer sentido amar uma utopia. Amar uma pessoa que crescera noutro sentido.

Desmistifiquei aquela sombra, que durante tanto tempo me puxara para o passado. Dera-se o soltar das amarras que eu precisava para continuar.

Braseira nas pernas e crapô na mesa

E, se quando era mais nova levava a presença e provocações do Guimarães no silêncio, à medida que fui crescendo comecei a responder: tínhamos muitas discussões e, por tabela, também havia muita tensão com a minha mãe.

Avaliara-o desde o início com um carácter duvidoso e mesquinho e essa opinião nunca mudou. Imagino que também eu seria irritante e estaria na idade do armário? É possível, mas a sensação que sempre tive foi de que lhe atrapalhava a vida.

Nunca demonstrou interesse. Não era simpático comigo e se a minha mãe não estava em casa nem nos falávamos. E passávamos muitas horas só os dois em casa.

Ele estava sempre ali. Eu via-o como um parasita. Aos meus olhos, além dele impor a sua presença na nossa casa, estava sempre por ali, a pairar.

Eu não gostava de estar em casa, estava sempre fechada no meu quarto ou em casa de amigos.

Certo dia decidiu comprar um cão.

Como todas as crianças, também eu sonhava com um cão. Porém ele não me incluiu na decisão, decidiu a raça que mais se adequava a si, e comprou um Beagle. Chamou-lhe Chivas e o cão era dele. Senti-me absolutamente excluída naquilo que para mim teria sido um sonho. Todos os dias, a meio da manhã, ele ia calmamente ao café ali perto de casa comprar o jornal. Prendia o jornal entre os dentes do cão para ter graça e andava pela rua retribuindo sorrisos aos que

comentavam a situação. Eu achava tudo aquilo patético: ele, o cão, o jornal, os sorrisos.

A minha mãe chegava do trabalho à hora do jantar. A essa hora, ele encontrava-se sempre sentado na sala a ver televisão e ela seguia diretamente para a cozinha para jantarmos.

Às vezes, era recebida por mau ambiente e discussões:

– Por favor, não me estraguem a vida. – desabafava.

Depois das obsessões do meu pai estarem sempre primeiro que os filhos, era a vez de um estranho ser o centro da vida familiar.

À mesa, ela tentava desanuviar o ambiente e entretinha-nos com muitas histórias engraçadas sobre o trabalho. Tal como o avô Nuno, também ela era uma boa contadora de histórias.

O meu irmão só aparecia ao fim de semana e cada vez menos. Havia terminado o curso e mudara-se para o Porto para trabalhar. Estava cada vez mais afastado.

Quando finalmente fiz 18 anos e pude tirar a carta de condução, também ganhei muita autonomia.

Naquela época, o meu pai estava novamente de baixa. Já não conseguia entrar em casa da minha avó e também deixara de usar o carro. Passava longas temporadas numa pensão na Rua Elias Garcia onde as condições não eram as melhores e eu ia buscá-lo para almoçar, à Pensão Capital.

Nunca conseguiu ser pontual. Eu chegava a ficar uma hora à porta da pensão, à espera de que ele saísse. Arranjei sempre desculpas para não entrar, para não ter que ir "ajudar". Mas aquela espera deixava-me sempre numa irritação reprimida, para não estragar o almoço.

Havíamos retomado a nossa relação e eu voltara a gostar da companhia dele. Queixava-me da minha vida em casa e ele dava-me razão. Também conversava comigo de uma forma muito aberta. Talvez até demais.

Uma vez, contou-me que um amigo cujos negócios corriam muito bem o convidara para trabalhar com ele mas não aceitou, explicou-me que não tinha disponibilidade. Apesar disso, às vezes queixava-se

de dinheiro. Um dia sugeri que vendesse o carro ou largasse a casa da Pedro Ivo e ele sentiu aquelas palavras como um insulto:

– Mas isso é perder esperança em mim! Eu ainda vou viver na minha casa, eu ainda vou usar o meu carro. – reagiu, muito ofendido comigo.

Quando não me entendia com o Guimarães saía de casa, e ia para casa da avó Alice.

Até ao dia em que saí e não voltei.

A minha tia Marta, sentindo o meu desamparo, convidou-me para viver em casa dela e, em busca dum ambiente mais familiar do que aquele que a minha avó me conseguia proporcionar, acabei por aceitar.

A minha tia ainda vivia em Sintra. Naquela quinta, espaço não faltava. Tinha um bonito anexo rústico, todo forrado a madeira, com um quarto bastante grande onde eu podia ficar à vontade.

Um dia, a minha tia disse-me:

– Ana, tens passado por tanto, não queres conversar com uma psicóloga?

– Sim, sinto que preciso. – finalmente senti que estava preparada e fui.

E, durante uns tempos, fui com a minha tia àquela psicóloga que parecia compreender tão bem tudo o que eu sentia.

Optei por, durante a semana, dormir em Sintra e ao fim-de-semana em Lisboa, em casa da minha avó.

Tinha liberdade total, sem horários nem controlo.

Em casa da avó Alice, fiquei no mesmo quarto onde o meu pai dormira e que também havia sido o quarto do meu irmão. Por ser junto à entrada e com casa de banho própria se chegasse tarde não acordava a minha avó.

Cada uma, mãe, tia e avó achavam que estava na casa de outra. Às vezes, não estava em casa de nenhuma delas.

Durante seis meses, andei entre Sintra e Lisboa. E todas as semanas ia um dia jantar a Cascais, para estar com a minha mãe.

A primeira coisa que o Guimarães fez quando saí de casa foi desmontar o meu quarto e transformá-lo num escritório para ele. E, sem me perguntar nada, deu as minhas coisas.

Foi então, que a minha mãe começou a perceber que o Guimarães tinha uma profunda antipatia comigo. Se por um lado ela me queria proporcionar uns jantares agradáveis, fazendo as minhas refeições preferidas e procurando saber como estava a minha vida, por outro ele continuava a embirrar comigo sem respeito nem por mim, nem por ela.

Eu já não aguentava aquele convívio. E estes encontros com a minha mãe passaram a ser almoços fora de casa.

Sentia-me meio vagabunda, no fundo não existia um espaço que eu pudesse chamar de meu, uma casa minha para onde pudesse regressar todos os dias.

Aquele caminho para a casa de Sintra, pelas estradas estreitas ladeadas por muros frios carregados de musgo, dava-me a sensação de estar isolada do mundo. Eu não me sentia em casa.

Quando terminei a Universidade e comecei a trabalhar, acabei por ficar definitivamente em casa da minha avó.

Arranjei o quarto para que ficasse mais acolhedor e ao meu gosto, nada de mais, uma colcha colorida, um candeeiro bonito e colei fotografias na parede.

Lembro-me de uma vez em que a Madalena me ajudava nas «decorações»: a minha avó, encostada à ombreira da porta, observava com uma expressão curiosa e divertida.

– Isso está muito giro meninas.

A minha avó Alice já tinha quase 90 anos, ainda assim preocupava-se sempre com o meu bem-estar.

Íamos muitas vezes almoçar à Mexicana, na Praça de Londres, um clássico de Lisboa, e todos os empregados já a conheciam. Ao jantar, sabia-me bem ficar em casa e fazer-lhe companhia, dava-me o tão ansiado conforto, aquela sensação de lar. Continuávamos a jogar o nosso crapô com a braseira nas pernas enquanto conversávamos.

O prédio da minha avó era antigo e a cozinha nunca foi renovada. Pela canalização da cozinha, surgiam muitas baratas e quando chegava a noite e acendia a luz, via umas quinze baratas fugirem para debaixo da minha cama. A minha avó era muito querida e fazia o que conseguia, não desistia de combater aquele problema, usando os habituais sprays de supermercado, que não resultavam.

Um dia chegou a casa contente:

– Fui a uma drogaria e venderam-me este pó que dizem que vai matar tudo! Vou espalhar na cozinha.

Contudo as baratas nunca desapareceram.

Eu não insisti com a minha Avó sobre a resolução do problema das baratas, não queria que se sentisse mal por causa disso.

Eu não me sentia confortável com aquela família numerosa a passear debaixo da minha cama, mas fazia um esforço para não pensar naquilo.

No fundo, para mim, o mais importante era a tranquilidade que a minha avó me transmitia. Sempre fora a minha ambição e ali, apesar das clandestinas não convidadas, encontrei a serenidade que procurava.

Retorno ao n.º 2

Trabalhava agora num atelier de arquitetura pequeno e com bom ambiente. Apesar de não ter muita liberdade criativa, sempre fui muito perfeccionista e o meu trabalho era elogiado. Sentia-me útil.

Fiz amizade com alguns colegas e gostava daquela rotina e da independência que um ordenado fixo me dava.

Agora, só faltava o meu espaço, onde me sentisse bem, em Cascais.

Foi aos 23 anos que surgiu essa oportunidade: mudei-me para o «n.º 2».

Estava feliz e tranquila: tinha finalmente um espaço que podia chamar de meu, numa casa que me trazia boas recordações. Uma casa sem manias, sem baratas, que ninguém, a não ser eu, dominava. Mudei-me para aquela casa com uma sensação de alívio, um soprar para trás de uma vida sem poiso. Encontrara finalmente o meu lar.

A casa era muito gira e central. Empenhei-me na decoração daquela casa, comprei sofás, almofadas, estantes e pratos. Estava sempre arrumada, a cozinha limpa e a cama feita, naquela sala espaçosa também ia poder receber amigos.

As minhas amigas mais próximas, conhecedoras da presença do POC na minha vida, brincavam:

– Lá está a Ana a ser obsessiva compulsiva! Sempre tudo muito arrumadinho e no sítio certo!

E eu ria-me com aquilo, usar o humor e ironia dava àquele tema uma leveza simpática.

– Olhem que ser obsessivo compulsivo não é bem assim. – ria-me na resposta. Elas não sabiam. Nem tinham como saber.

Como fui das primeiras, entre os meus amigos, a ter casa, havia jantares todos os fins-de-semana. A casa tinha três quartos, o que permitia ter frequentemente alguns amigos a dormir e eu precisava dessa companhia. Era divertido acordarmos todos descabelados e recordar a noite anterior, para depois cada um seguir o seu caminho. Eu sentia os meus amigos como a família que eu escolhera.

Eu também tinha a consciência que precisava mais daqueles momentos do que eles. Nunca deixei de me sentir só.

Continuava a visitar a avó Alice. Almoçávamos sempre ali perto de sua casa, numa pastelaria na Av. João XXI. Quando eu chegava, estava sempre sentada na mesa do costume à minha espera. Conversávamos muito e sobre tudo. No fim eu gostava de a acompanhar de braço dado, até à porta de casa.

Novamente com os meus avós ali ao lado, todos os dias ia a casa deles dar um beijinho ou contar o meu dia, como fazia quando era criança.

A minha mãe deixou de trabalhar e passou a estar mais tempo em casa. Separou-se poucos meses depois.

Após a separação, conquistámos uma relação que teria sido impossível noutros tempos.

Ao fim de semana, encontrávamo-nos sempre e fazíamos companhia uma à outra. Aproveitávamos as paisagens lindas das esplanadas de Cascais e conversávamos pela tarde fora. Finalmente reconhecíamos a nossa sorte: o privilégio duma vida boa, calma e tranquila. E juntas sonhávamos em conhecer alguém que nos fizesse feliz.

Foi um alívio para mim saber que finalmente podia contar com ela.

Certo dia sou interrompida do meu trabalho por um telefonema.

O meu pai:

– Olha Ana, estou numa fase complicada da minha vida, com muitas manias. Estou a pensar ir para tua casa no próximo fim de

semana, aproveitar os ares de Cascais e descansar.

Naquele momento a sensação de estar a ser puxada para o fundo de um poço foi imediata.

– Como assim, para minha casa? – perguntei, apavorada.

– Sim, para tua casa. Tens quartos vazios, não tens??

"O quê??" Não queria acreditar no que ouvia, ansiara tanto pela minha independência ele agora achava-se no direito de me pedir isto?

Aquele pedido trouxe-me à memória todas as vezes que tivemos de sair da Pedro Ivo para ir para casa da Avó Alice. Trouxe-me à memória as divisões da casa onde não podíamos entrar, os tapetes que não podíamos pisar, os sofás onde não nos podíamos sentar. "Ele vai destruir tudo, vai encher a minha casa de manias. Ele vai destruir a minha vida".

Não podia colocar a minha casa ao seu dispor. Não podia permitir que ele invadisse o meu espaço, todavia sabia que o meu "não" seria interpretado como um virar de costas, um abandono. Contudo, estava convicta que dizer que sim abriria uma porta muito mais difícil de voltar a fechar. Evitar a primeira vez era impedir todas as vezes que se seguiriam.

Foi a primeira vez que fui confrontada com esta sua necessidade e no mesmo segundo decidi: nunca lhe daria essa oportunidade.

Sem saber como agir, a primeira coisa que fiz foi telefonar ao meu irmão, ele era a única pessoa que compreenderia o meu desespero sem ter de o explicar.

– Não deixes, inventa uma desculpa.

– Como vou negar isto? Vai ficar furioso.

Eu não conseguia confrontar o meu pai e de forma cobarde usei a família como escudo, o facto dos meus avós maternos viverem colados ao n.º 2 foi a desculpa que encontrei.

Ficou muito zangado, gritou comigo, possesso e ofendido e eu respirei de alívio.

Para sempre

No dia em que fiz 26 anos a minha vida ia mudar.

No atelier, sentada na minha secretária a trabalhar, recebi uma mensagem improvável.

Naquele dia, a luz que piscava no fundo do ecrã do meu computador era diferente. «Que esquisito isto». Abri a mensagem. «Mas o que é que este quer agora?», pensei.

– Parabéns! Estás boa? – li expectante e surpresa.

«Parabéns? Quer dar-me os parabéns? Esta agora…»

Confusa, foquei aquele remetente e aquelas palavras: era mesmo ele, tantos anos mais tarde.

Cinco anos, cinco anos desde aquela última memória de desapontamento. Desde a última vez que trocara palavras com o Pedro.

– Obrigada! – respondi, disfarçando à vontade e conversámos um bocadinho.

No dia seguinte:

– Olá, tudo bem?

«Então, queres ver que agora vamos falar todos os dias?» pensei, continuando a estranhar aquele contato.

Sim, as mensagens passaram a ser diárias. Dia após dia, ia provocando em mim a sensação de conhecido, de alguém que ainda existia. Uma emoção. Um sorriso logo ao raiar do dia.

Ainda confusa estranhei, relembrava aquele encontro acidental anos antes, ainda tão presente na minha memória. Mantinha aquela

última recordação de uma imagem deselegante que me desiludira e feito esquecê-lo.… ou não. Tive medo, sentia que era um risco.

Mas não tive dúvidas: o Pedro continuava a ter um significado muito grande para mim.

Naquelas conversas virtuais parecia que tudo queria encaixar, tudo fazia sentido.

O primeiro encontro correu como se não tivéssemos 10 anos entre nós e eu não queria que terminasse. Entre o arrebatamento e a cautela, senti que o tempo não significa nada, não separa nada.

Nos dias seguintes, logo ao ligar o computador aquela luz especial já piscava.

– Olá, dormiste bem?

Sentia-me uma adolescente apaixonada novamente ao telefone. Ansiava aquele momento. Ver quem estava online. Ver a luz a piscar. Ler aquele "bom dia".

Depois do primeiro encontro nunca mais passou um dia sem nos vermos. Como se ele tivesse sido, em tantos anos, o único dono do meu coração.

Aquele passado que me fizera apaixonar por ele parecia ter voltado cheio de significado: afinal, ele também se lembrava.

Inesperadamente o Pedro reentrou na minha vida como uma brisa de verão. Calmo e sensato, veio dar um equilíbrio à minha veia mais tempestuosa e trouxe-me, além do amor, toda a serenidade de que eu precisava.

Tudo fez sentido e passado um ano estávamos felizes e casados.

Agora sim.

Era para sempre.

Pedro

Nove meses depois, nasceu o nosso primeiro filho: o Pedrinho.

Olhei para ele e tive a certeza que era o ser mais bonito do mundo. Foi absolutamente arrebatador: descobrir aquele amor, gigante e profundo. Gostar mais de alguém do que de nós. Tive a certeza muito clara de que daria a vida por aquela pessoa minúscula.

Eu vivia a concretização não de um, mas de vários sonhos. Eu já não me sentia só, eu tinha a minha família, e uma concretização superior ao que havia ambicionado. Ao que achava que merecia.

Fez-me crescer e ver a vida do ponto de vista de uma mãe que já foi filha.

Questionei e avaliei a minha própria infância.

Questionei as minhas capacidades: "conseguiria eu proporcionar o que não vivi? Iria eu saber ensiná-lo como não aprendi? Iria saber fazer as coisas como o meu filho merecia?"

Mas, se não conseguisse ser perfeita, eu iria ouvi-lo, abraçá-lo, protegê-lo e colocá-lo-ia em primeiro lugar, sempre.

A minha mãe também encontrou o amor. Percebi que ia ser feliz no dia em que conheci o Tó Manel.

Vieram buscar-me a casa para irmos almoçar. Ele falava com um sotaque alentejano que, não sei explicar porquê, me confortou. Sentada em silêncio no banco de trás do carro, ao ouvi-los conversar entre risos, senti amizade e empatia.

Nunca a vira tão espontânea e leve. O Tó Manel, além de fazer a minha mãe feliz, também se revelou uma pessoa atenciosa,

ponderada e compreensiva, com quem passei a contar e a quem passei a pedir ajuda e opiniões.

O meu irmão casou e fora viver para fora.

Obstinado e decidido. Primeiro em Londres e mais tarde em Zurique, traçara para ele um caminho independente e de sucesso.

A vida, a evoluir desta forma dinâmica e positiva, era mais do que eu havia ambicionado.

Por esta altura, o meu pai namorava a Tininha.

A Tininha era educadora de infância e a relação deles era muito intensa. Segundo ele, uma paixão ardente que originava muitas vezes discussões, nem sempre de forma discreta.

Viveram juntos durante alguns anos. A Tininha vivia em Benfica e eu fui a casa dela duas vezes.

Da primeira vez, entrei apenas no escritório, logo na entrada, à esquerda, e sentei-me numa cadeira. Ali fiquei.

Na segunda vez fomos até à sala. Passando pelo hall, percorremos o corredor naquele ritmo que eu tão bem conhecia, lentamente. Quando entrei na sala, murmurou:

– Cuidado Ana, não toques nas franjas do tapete.

Então, sentei-me no sofá, com as pernas encolhidas, para não haver dúvidas se haveria tocado na mesa de centro.

Era igual, exatamente igual ao que me lembrava.

O meu pai frequentava a minha casa e do Pedro. Sem casa própria e sem espaço na qual pudesse conviver com os netos, esperava sempre um convite da minha parte.

A primeira coisa que fazia ao entrar era verificar um telefone antigo, exposto na sala, que pertencera à minha avó Alice. Incomodada, observava-o torcer o fio para que pendurasse numa espiral perfeita. Até ao dia em que chegou e não o encontrou. Aquilo irritava-me, manias em minha casa, e arrumei-o numa gaveta.

Eram almoços que, regados a vinho, terminavam sempre de charuto no canto da boca, demasiado tarde. Falava das músicas de sempre e continuava a contar as anedotas de sempre.

Fantasiava que ia ganhar o Euromilhões e contava-me como seria a sua casa nova. Iria ter um quarto de brinquedos só para os netos, voltava a falar na pista de comboios cheia de montanhas e túneis e claro, muitos empregados pela casa.

Ele gostava muito destes almoços, contudo o sentimento não era recíproco. Agora a sua presença deixava-me desconfortável. Sentia que ele abusava da minha boa vontade.

Se em tempos, havia sido uma companhia afável e divertida, começava agora a perder o que havia tido de bom. Aos meus olhos tornara-se cansativo também no contexto social.

Esta nova forma de estar, aliada ao afastamento natural da nossa história, fazia com que os telefonemas e estes almoços tivessem entre eles cada vez mais meses de intervalo.

O ultimato

No início do ano de 2009, o meu pai acabou por ser despejado da Pedro Ivo. O surgimento de ratos no prédio alertara os vizinhos e a origem era o 3o esquerdo, aquela casa cujas portas não eram abertas há vários anos.

Para ele, a minha participação naquele evento, naquela mudança, era certa.

No entanto, para mim, aquela casa representava uma vida passada. A simples ideia de entrar ali tirava-me o ar, sentia uma dormência no corpo inteiro, um calafrio, um mau estar que eu queria evitar, um esforço que eu não queria fazer por ele.

A Pedro Ivo era sinónimo de POC, do POC do meu pai e de uma infância perdida.

Durante alguns dias, fui evitando o tema, se por um lado eu já decidira que não iria, por outro a culpa acompanhava-me sempre: a minha vida era "normal" e a dele não, eu tinha uma casa e uma família feliz, e ele não.

Inevitavelmente confrontou-me e fez-me o ultimato.

Naquele sábado, estava em casa com o Pedro e com o Pedrinho ainda bebé. Preparava-me para o adormecer quando o telefone tocou:

– Estou à espera que venhas, tenho aqui algumas amigas a encaixotar. O que seria se a minha filha não viesse ajudar-me na mudança?

Eu sabia muito bem o que ia acontecer ao dar aquela nega. Engoli em seco e coloquei o meu bem-estar à frente daquela imposição:

– Pai, passei por muito naquela casa, não quero lá voltar.

– Passaste por muito? Não inventes desculpas. E eu já não tenho manias aqui, a casa está desfeita.

– Pois se está desfeita e tem pessoas a ajudar não precisa de mim.

– Mas eu quero que tu venhas! – percebi logo uma voz torcida, uma raiva a emergir.

– Não vou. Fico ansiosa, não vou. Não quero.

Responder assim foi uma libertação, a coragem duma filha, agora mãe, de recusar, de negar participar naquilo que me perturbaria.

Tal como eu havia antecipado, ele ficou muito exaltado.

– Ansiosa? Não sejas ridícula, não tens motivos para tal, ahahhahha, ansiosa! Sabes lá tu o que é ansiedade menina! – era uma voz mesquinha, uma voz má, uma voz que me ia começar a ameaçar, disso eu tive a certeza.

Todavia não pensei que me desejasse o pior:

– A vida não é esse conto de fadas que estás a viver, um dia vais-te separar e quando estiveres na merda não contes comigo! – proferiu, entre outras coisas. Gritava de uma forma amarga, mas também com uma entoação desesperada.

Ainda senti uma réstia de peso na consciência, por não estar a corresponder às suas expectativas, mas nunca me senti tão atacada como naquele momento. Não, aquilo não era desculpável: ele confirmava desta forma que a minha decisão era certa. Os problemas dele eram dele e não meus.

Foram mais dois anos sem nos falarmos. Nunca me pediu desculpa.

Quando anos depois o reencontrei e o confrontei disse simplesmente:

– Ana, não podes dar importância a coisas que digo quando estou nervoso.

Nesse dia, deu-me uma caixa cor-de-rosa com figuras desbotadas de pinipons, um saco de rede branca cheio de berlindes e uma pista de carros enferrujada e disse-me:

– São as tuas coisas, que estavam na Pedro Ivo. Podes dar a pista ao teu irmão quando estiveres com ele. Vê la se os teus filhos não

estragam.

Uma profunda tristeza, olhar para aqueles brinquedos velhos, uma lembrança, como tantas outras que o meu pai desconhecia.

São sentimentos estranhos estes associados à memória, durante alguns meses guardei aqueles objetos, como se, tal como o meu pai, não quisesse que os meus filhos os estragassem.

Assumidamente, a maternidade mudou a minha maneira de ver a vida e o nosso relacionamento de pai e filha.

Sempre soube que o meu pai era obsessivo, porém demorei muito tempo a compreender o egoísmo. Aquela pessoa colocava os seus interesses, opiniões, desejos e necessidades em primeiro lugar, muitas vezes em detrimento daqueles que estavam dispostos a ajudar.

As interrogações começaram a surgir em catadupa e de uma forma cada vez mais racional na minha cabeça. “Mas quem era aquela pessoa que sempre falou da sua ansiedade, para buscar compreensão, que agora vinha ridicularizar a minha?”, “Que falava constantemente na sua vulnerabilidade e que desprezava a minha?”, “Quem era aquele pai que, numa contrariedade, me desejava tanto mal? Me dizia coisas tão feias?”.

“Que tipo de obsessivo compulsivo era aquele que impunha o seu problema a quem lhe era mais próximo?”. “Que pai era aquele que, durante tanto tempo, colocou as suas necessidades acima da mulher e dos filhos, de forma tão absolutamente egoísta?”.

“Seriam tudo características associadas ao POC?”. “Seria o egoísmo uma característica do POC, uma característica natural ou um vicio moral adquirido?”.

Nuno

Meses após ter terminado a minha licença de maternidade e de ter regressado ao trabalho, a nossa vida estável e tranquila sofria uma viragem.

Estávamos no ano de 2010, quando, para a realização pessoal e profissional do Pedro, se tornou importante fazer uma especialização numa universidade americana.

A decisão de irmos os três não foi imediata nem fácil. Contudo, decidimos arriscar. Tínhamos de viver aquela experiência juntos. Desta forma, rumámos a Nova Iorque para viver aquela aventura: um casal desempregado, com um filho de um ano.

Alojados num apartamento da Universidade, enquanto o Pedro estudava, eu dedicava-me a 100%, ao nosso filho. Não sentia o glamour de Nova Iorque, passava muitas horas sozinha, tentava ocupar o tempo dele e o meu de todas as formas possíveis.

No entanto, tivemos a oportunidade de explorar a cidade, vivemos o Dia de Ação de Graças e a famosa receita de peru americana. Fizemos doces ou travessuras no coração do verdadeiro Halloween. E comemorámos o Natal sem bacalhau, mas com a cidade branca de neve. E recebemos bastantes amigos e familiares.

Após o ano de estudo, surgia uma oferta de emprego irrecusável, que colocaria o Pedro sob uma enorme carga de trabalho, o que nos levou a tomar a difícil decisão de viver remotamente. O Pedro ficou em Nova Iorque a trabalhar, e eu e o Pedrinho regressámos a Portugal.

No entanto o destino pregou-nos uma partida bem-vinda e nove meses depois de o Pedro entrar no avião para o outro lado do Atlântico nasceu o Nuno. Mais um rapaz na minha vida e o meu amor multiplicou-se. O Nuno era o segundo filho sonhado e aos meus olhos mais um dos mais bonitos do mundo.

Foi apenas um ano, não obstante muito difícil para os três: As saudades eram muitas e as despedidas imensamente tristes. Sozinha com um recém nascido e um filho de três anos, a insegurança e medo de falhar estavam sempre presentes. Gerir esse tempo foi complicado e os meses pareceram ter 100 dias.

Mas o ano passou, o Pedro regressou e retomámos a nossa vida em Portugal.

O regresso à normalidade de uma vida em comum com o Pedro trazia-me felicidade, a rotina era reconfortante: eu não sabia que a vida podia ser assim.

Quando inscrevi o Nuno na mesma escola que frequentei, em Cascais procurei a irmã Antónia, a minha professora de piano. Quase 20 anos depois, tinha a esperança de a reencontrar. Foram tantas as vezes que pensei procurá-la, queria ver como estava, descobrir a transformação daqueles cabelos pretos gravados na minha memória. Queria perguntar-lhe se se lembrava de mim, talvez abraçá-la e agradecer.

Mas a irmã Antónia já partira para outra vida.

Nunca saberei se algum dia percebeu a marca que deixou em mim.

Mas como sempre, o outro lado da vida vinha impor-se de tempos a tempos.

Pacemaker

Ao longo da vida, o meu pai sempre «tratou» o seu POC com a sua medicação diária e fazendo todo o tipo de terapias: terapia de grupo, terapia cognitivo-comportamental e idas semanais ao psiquiatra.

Sempre à procura duma evolução positiva, nunca senti as melhorias desejadas.

Foi por volta do ano de 2014, que o psiquiatra da época, lhe propôs um tratamento experimental que estava a ser realizado no Hospital de Santa Maria.

Estimulação cerebral profunda. Um implante cerebral, elétrodos neuro-estimuladores implantados no cérebro, ligados a uma caixa inserida no peito, a que sempre chamei como leiga de «pacemaker cerebral».

Nesta fase, em que pouco comunicávamos, ele já se reformara antecipadamente por falta de capacidades e entrara em depressão, ou pelo menos era o que me dizia, e a máquina também seria benéfica nesse contexto.

Esta notícia reaproximou-nos. A força e coragem que demonstrou na sua disponibilidade para este tratamento inspirou-me. A esperança duma vida nova também.

Logo após a operação, visitei-o no serviço de internamento da ala psiquiátrica do Hospital de Santa Maria, uma das alas mais antigas do hospital.

Os corredores naquela pedra cor branco-sujo e madeiras escuras levaram-me até ele.

Fui encontrá-lo na sala de convívio daquela ala, de cabelo rapado e ligaduras na cabeça, junto com outros doentes que, sentados nas cadeiras de madeira, olhavam no vazio na direção de uma televisão antiga, pousada numa mesa.

Aquela sala gelada, com ares dos anos 70, lembrava-me aqueles filmes de terror e suspense com imagens frias e pessoas estranhas. Fez-me muita confusão e não consegui disfarçar o meu desconforto, senti que o meu pai não pertencia ali.

Acompanhei-o numa consulta pós-operatória.

Ao contrário das zonas comuns, o gabinete do médico era acolhedor. Com uma elegante estante cheia de livros e várias fotografias de família espalhadas, o médico estendeu a mão e o seu sorriso diluiu o meu desconforto.

O meu pai e eu sentámo-nos, lado a lado, em frente à sua secretária, e a consulta começou.

O médico segurava uma espécie de comando que regulava, à distância, a intensidade dos elétrodos e a estimulação de sentidos e conversaram durante algum tempo sobre as sensações que isso provocava: calor, mal-estar, vibrações, etc.

A segunda parte da consulta teve a ver com o trabalho cognitivo-comportamental que o meu pai deveria desenvolver:

– Então, na nossa última consulta conversámos sobre as suas dificuldades. A primeira: sair de casa. Primeiro exercício: deixar a tampa do champô aberta e fechar a água apenas uma vez. Já começou a fazer o que combinámos?

– Não, Doutor...

– Então, porquê? Tem de fazer os exercícios combinados para irmos avançando na terapia.

– Sim, Doutor.

– Vai fazer?

– Vou tentar, Doutor, mas agora vêm aí as férias e estou pouco concentrado. – "ridícula esta resposta! A sério pai??"

– Outro dos objetivos é arranjar a sua casa, onde viverá. Já está a tratar disso?

– Não, doutor, agora não ando com cabeça para isso.

Embora aquele discurso me fosse familiar, foi uma desilusão ouvir aquelas respostas.

Naquele dia, ao sair daquele consultório, tive a última confirmação de que ele nunca seria diferente. Que nenhum dos grandes objetivos da terapia seria desenvolvido.

Por trás daquela aparente coragem e disponibilidade para arriscar naquele tratamento, a apatia e a inércia continuavam a ser mais fortes do que a força de vontade.

Francisco

O Francisco é o mais novo dos meus três filhos, foi muito desejado e estava cheio de pressa para nascer.

Nesse Verão quente de 2015, fui com os meus dois filhos até ao Algarve para passar uns dias com o meu irmão e família.

Fiz a viagem grávida de 30 semanas e sem paragens. O Pedrinho e o Nuno, de seis e três anos, encontravam-se nesse dia muito excitados e tumultuosos e fizeram a viagem na grande expectativa de encontrar os primos vindos da Suíça.

Sem tempo para descansar, foi à tarde que comecei a sentir a barriga pesar.

Já era de noite quando percebi que estava em trabalho de parto e, em pânico com o rumo daquela gravidez, dei entrada de urgência no Hospital de Faro.

Era um parto arriscado, o Pedrinho e o Nuno haviam nascido de cesariana e o bebé a caminho teria de nascer por cesariana de urgência demasiado cedo. Medo e expectativa, pelo amor que sentia pelos meus filhos e pelo bebé que esperava. Já tão amado.

Felizmente, passados 10 dias de internamento, ultrapassando momentos de risco e de tentativas para evitar aquele parto prematuro, saí do hospital com o Pedro rumo ao Estoril, com indicação de repouso total, até ao termo daquela gravidez.

Semanas depois, finalmente nasceu mais um mini milagre na minha vida, planeado como sendo o nosso último filho. A alegria que senti quando finalmente peguei nele foi enorme. Era perfeito e lindo como os irmãos.

Foi assim passámos a ser uma família de cinco.

Sabíamos e havíamos planeado que o Francisco seria o último, o nosso último bebé, e saboreei cada momento sentindo que o tempo passava demasiado depressa. Despedi-me de cada rotina com emoção, desde o seu nascimento ao último dia que mamou, passando pelas primeiras palavras e primeiros passos.

Com a minha família a crescer, o meu interesse em preservar um ambiente saudável foi ficando cada vez mais forte. O bem-estar da minha família tornou-se na minha absoluta prioridade.

Ao olhar para os meus filhos percebia que as minhas recordações podiam ter sido outras. As recordações mais fortes não eram as boas. E eu estava a fazer melhor, muito melhor, o meu melhor.

Mantinha o contacto com o meu pai que, de quando em vez, lá vinha almoçar a nossa casa, continuando a falar sobre as mesmas músicas de sempre e a contar as mesmas anedotas de sempre, que ouvíamos como se fosse a primeira vez. Apesar de resgatada, existia agora uma avaliação constante sobre até onde o poderia deixar entrar. Eu simplesmente não queria tudo o que envolvia ter uma relação próxima com ele. Uma proximidade que permitisse ultrapassar os meus limites. Existia uma barreira invisível, bem definida e ele sabia disso.

A companhia dele pouco ou nada me trazia de bom. Apesar de ter sido sempre um monárquico ferrenho e assumido, desenvolvera uma nova atitude: extremista e com ideais de supremacia. Adotara uma postura radical e sem pudores. Com conversas estranhas ele não me fazia sentir bem.

E assim, fomo-nos afastando cada vez mais.

Até ao dia.

Covid-19

Naquele dia, ao atravessar os corredores do pavilhão da escola dos meus filhos, o ambiente que se sentia era pesado e de incógnita.

Fora detetado o primeiro caso de COVID-19 em Portugal.

Os pais, numa situação totalmente inesperada, interrogavam-se:

– Alguém sabe se a escola vai fechar?

Não, ninguém sabia nem imaginava o que aí vinha.

E as crianças, num misto de nervoso miudinho e excitamento, corriam e saltavam em comemoração pela perspetiva do fecho da escola.

E nesse mesmo dia, 11 de março de 2020, às 20h recebemos o email:

> *À Comunidade Educativa,*
>
> *(…)*
>
> *Neste sentido, informamos que, mesmo não havendo registo de qualquer caso de contaminação pelo COVID19 no colégio XXX, enquanto aguardamos pelo pronunciamento do Governo relativamente ao eventual encerramento dos Estabelecimentos de Ensino, a Direção decidiu suspender, por tempo indeterminado, as atividades letivas e do ArtiSport, acreditando que é, neste momento, o melhor serviço que presta à vida dos seus alunas e alunos, e respetivas famílias. (…)*

Por tempo indeterminado. Famílias fechadas em casa, há um vírus mortal entre nós.

Era um mundo novo, uma realidade desconhecida para todos.

Na primeira vez que precisei de sair de casa, o choque foi brutal. As ruas estavam desertas, dando a sensação de estar dentro dum filme sobre o fim do mundo.

A ânsia por garantir os bens essenciais, naquele estado de emergência, nunca presenciado, levou a uma corrida aos hipermercados, também ela nunca vista.

As filas para entrar nos supermercados, as filas para pagar, as prateleiras vazias e o pânico na cara das pessoas empurraram-me para aquela nova realidade: pessoas com luvas, com máscaras feitas em casa de todas as cores e feitios, com palas em acrílico transparente, álcool gel, e sobretudo, distantes.

Agora, todos com quem nos cruzávamos representavam uma potencial ameaça de morte.

Vivíamos uma «guerra invisível», da qual apenas sairíamos ilesos se nos mantivéssemos isolados do mundo, em casa.

No regresso a casa, a nova rotina: tirar os sapatos, deixar o casaco à porta, desinfetar as mãos e trocar de roupa. Desinfetar cada embalagem de arroz, massa ou até a fruta.

E não abrir a porta a ninguém.

E à mínima tosse ou espirro achar que era a nossa vez. Não saber se um de nós podia ser aquele doente mais sensível ao vírus, e o medo de poder transmitir aquela doença aos nossos pais e avós.

A televisão sempre no canal das notícias. A tensão permanentemente no ar.

O Pedro montou o seu escritório no nosso quarto.

E as aulas surgiram numa explosão desorganizada: as mensagens dos professores, preocupados, que também enfrentavam um mundo novo, deixavam-me num limiar de loucura.

Três filhos, três turmas e três grupos de comunicação, 400 mensagens por ler a cada 30 minutos, que eu tentava, em vão, acompanhar.

A ligação de internet que não era suficientemente forte e não funcionava como todos ambicionavam. Os computadores que não

chegavam para todos e os Ipads que ficavam sem bateria.

A cada 10 minutos:

– Mãeeeeeeeee!!!!

Mas o sentido de união entre pais, alunos e professores foi enorme. O sentido de responsabilidade das crianças foi surpreendente.

Apesar do caos e do stress conseguimos em família construir memórias felizes: vivemos bons momentos à mesa com conversas, sem pressas, nem horários; dançámos pela casa, brincámos, fizemos ginástica e estudámos juntos. O cansaço também se sentiu e com ele alguns gritos, mas demos muitos, muitos abraços.

Pouco falei com o meu pai neste período, inicialmente apresentou-se como o protótipo do negacionista. Dizia que era só uma gripe, que as notícias estavam censuradas, que se tratava de uma pandemia planeada. Fazia propaganda enviando memes e vídeos de médicos duvidosos a justificar a sua linha de pensamento, que eu ignorava.

Uns meses depois, notícias sobre uma vacina que viria dar uma nova esperança, para recuperarmos uma vida normal. Considerou que a vacina havia sido inventada para matar toda a gente, um esquema para dizimar a população.

À medida que a pandemia avançou foi balançando e mudando as suas opiniões: apesar de já me ter habituado aos seus desvairos aquilo chocava-me, notava naquela incoerência uma instabilidade cada vez mais vincada.

Uma vez, fui almoçar com ele e na rua começou a falar zangado com uma senhora, porque não usava máscara. Culpou-a e às pessoas como ela pelo estado do país deixando-me boquiaberta e envergonhada.

Mas, uma semana antes do Natal, já se encontrava em saídas noturnas onde as pessoas dançavam sem máscara umas com as outras trocando de pares, num restaurante em Carnide.

Organizei o Natal de forma muito reduzida, um dia com ele, outro apenas com a minha mãe e noutro dia com a família do Pedro. Falou

sobre música, contou as anedotas de sempre e, apesar de tudo, correu bem e em tranquilidade.

Depois disso, passou o ano com um grupo de amigos, não respeitando o recolher obrigatório porque, "isso é para os outros".

Apanhou Covid-19 em casa transmitido pela enteada. Telefonou-me a dar a notícia:

– Estou com Covid... portei-me tão bem, sempre com tanto cuidado e sempre com a máscara e apanho isto em casa. – declarou, absolutamente convencido da sua verdade.

Nos primeiros dias não teve sintomas, por isso quando me ligaram a perguntar pela sua saúde, ri-me e disse:

– Vaso ruim não quebra.

Março 2020

Naquele dia frio de janeiro em que o meu pai deu entrada no Hospital de Santa Maria, eu percebi que ele não estava bem:

– Está muito frio, estou gelado sentado numa cadeira dura num corredor, estou cheio de dores no corpo. Eu não vou sobreviver a esta noite, estou a morrer. – A sua fragilidade era notória, a falta de ar alterara o tom da sua voz: mais grave, ofegante e arrastada, parecia que se desvanecia a cada palavra.

Foi o primeiro contacto com a possibilidade da sua morte. Percebi que, apesar de tudo, não me sentia preparada para despedir-me do meu pai.

Contudo sobreviveu, e enquanto esteve ali internado, todos os dias recebeu um telefonema meu.

– Estou num cenário de guerra, no meio de gritos e pânico, tenho pessoas a morrer à minha volta.

– Estou aqui há dias sem higiene com a mesma roupa vestida, sempre sentado na mesma cadeira articulada.

Era o panorama geral, aquilo que ouvíamos todos os dias nas notícias. Imaginei o que ele estaria a sentir, apesar de reconhecer o seu mau feitio, fui sensível àquelas queixas.

Tentámos melhorar a situação. Reunimos os bens que considerámos mais importantes para o seu bem-estar: um fato de treino, para que se sentisse mais confortável, mudas de cuecas, e alguns dos seus medicamentos, aqueles que considerámos essenciais para controlar a ansiedade. No momento da entrega deste saco, o meu pai perdeu o

controlo. Telefonou a quem participara naquela decisão. Na rouquidão que o atacava proferiu ataques e insultos:

– Não quero aqui as minhas coisas! No chão sujo! Não permiti a ninguém que mexesse nos meus remédios! São burras, burras!!!

Apesar de não estar à espera daquela reação, procurei compreender, acreditei que os momentos difíceis por que estaria a passar teriam contribuído para aquele comportamento, uma reação compreensível de stress e nervosismo.

Desconsiderei quando o percebi pouco educado com os profissionais de saúde que o rodeavam. Desconsiderei quando nos passaram a informação de que a sua indisposição criara confusão e mal-estar naquele serviço.

Com pouca ou nenhuma evolução do seu estado clínico, a cada semana que passava a minha dor crescia em proporção.

O pai, que eu sentia como tóxico, ia sendo cada vez mais pequenino e irrelevante, e o pai com com as qualidades que eu ambicionava, cada vez mais real aos meus olhos. Como se só eu conseguisse ver o sofrimento do momento, como se atravessasse um bloqueio sentimento vs razão, sonho vs realidade? Terá sido o poder de uma dor nunca sentida? A dor da perda? Da perda de algo que nunca consegui ter? Não me compreendo…

Comecei a questionar-me "teria eu sido a intransigente da relação? Com as portas e o coração fechados há tanto tempo?".

Eu simplesmente não havia permitido que ele entrasse na minha vida, "teria eu criado barreiras sem lhe dar a oportunidade de ser como é?" Teria sido embirração minha?". Compartimentei as minhas memórias, questionei as minhas razões, e culpei-me.

Sofri muito neste período, a espera e a incerteza foram corroendo-me aos poucos.

Atacada por mil remorsos, com a dor mais sofrida que podia sentir, chorei.

Mas ele melhorou. E voltou a piorar. E eu mentalizei-me para aquele luto. E voltou a melhorar. Numa montanha-russa de emoções

eu interpretei aquele milagre como uma nova oportunidade: ele estava a enganar a morte, ele iria ser diferente. Eu seria diferente. Estava decidida a recuperar o tempo perdido, como uma filha mais compreensiva.

A única coisa que eu queria era poder abraçá-lo e mostrar que estava lá para ele, para o apoiar e voltarmos a ser pai e filha.

Foi então que, com as suas melhorias e, o abrandar das restrições do Covid-19 retomámos a nossa relação.

No Hospital de Santa Maria, naquele quarto ele não tinha manias. Ele tornara-se realmente numa pessoa diferente do que eu me lembrava, ele parecia melhor, mais calmo.

Na enfermaria (porque todos os enfermeiros, médicos e fisioterapeutas tinham acesso à sua ficha clínica e historial psiquiátrico), acabou por ficar instalado num quarto privado. Regalia que o deixou bastante confortável.

Comentou comigo que essa benesse se devia ao facto de ser uma pessoa superior:

– As pessoas que trabalham aqui sabem que eu sou diferente dos outros, de boas famílias, inteligente, por isso tive este privilégio.

Sorri para fora e ri-me para dentro, mas ele era mesmo assim, o melhor era deixá-lo sentir-se importante e rapidamente estaria bom.

Numa das conversas que tivemos no hospital o meu pai queixara-se da frieza e distância do meu irmão.

– Mas tu não és assim dizia ele, és sensível como eu. – Aquela comparação sempre me deixara desconfortável.

No último dia no hospital, pediu-me que o ajudasse a identificar a roupa que ia levar para o centro de reabilitação e a fazer a mala. E, contrariamente ao que eu me lembrava, foi fácil: fiz a mala dele como achei bem, enquanto ele observava com muita atenção.

– Vê pai, eu também sei arrumar tudo direitinho. – e fechei a mala. Com os documentos todos a escrever na mesma direção como ele aprovava, e sem confirmações. Senti-me triunfante naquela tarefa.

Mas essa mala nunca foi aberta. Chegado ao centro de reabilitação não permitiu que as funcionárias tocassem na mala e, durante aqueles dias usou roupas emprestadas pelo centro.

Explicou-me que não queria que elas mexessem nas suas coisas. Que eram brutas e não o respeitavam. Contou-me que demoravam muito tempo a aparecer quando tocava a campainha. A ansiedade era indiscutível.

Eu senti a presença da toxicidade, a bruteza das palavras, eu senti! Contudo eu já me entregara a uma ilusão, a ilusão do pai que não existiu, acredito que o idealizei para o tornar mais fácil de entender, para o conseguir desculpar. Aligeirei as situações, não quis questionar as atitudes.

– Não me deixam dormir.

– A comida é uma porcaria! Mexem nas minhas coisas, hoje tocaram no meu telemóvel. – A culpa de eu me estar a sentir assim é delas. – queixava-se sentindo-se desrespeitado.

– Estou aqui abandonado…

Ninguém na família teve reação a essas queixas. Na verdade, os sinais estavam todos lá e eu é que não os quis ver. Preferi acreditar que aquelas enfermeiras e funcionárias simplesmente não sabiam lidar com ele.

Naquele momento, o meu "eu" vulnerável, o meu "eu" de filha mais tolerante, acreditou que tudo o que ele precisava era de amor e carinho, e eu tinha isso para lhe dar. No processo de luto fantasiei, esqueci o passado e alimentei a minha fantasia.

E na necessidade de agradar, de lhe proporcionar uma recuperação feliz, fiz uma coisa que há muito havia prometido a mim mesma que nunca faria.

Bloqueei com o sofrimento? Sim. E, levada pela emoção, numa espiral de idealização, acabei por tomar a decisão de o trazer para minha casa, para recuperar, junto da minha família.

Ambiente contaminado

Questionei a minha decisão no exato momento em que lhe dei a notícia. A repentina mudança de expressão: de cabisbaixo a ansioso, um brilho no olhar que me desconcertou. Senti um aperto inesperado: estava a dar um passo atrás.

Mantinha, apesar de tudo, a consciência de que ele não podia ficar muito tempo cá em casa. Ele teria de ficar tempo necessário para conseguir ficar apto e cuidar de si sozinho.Por outro não podia ficar o tempo suficiente para desenvolver rituais e manias que pudessem interferir com o bem-estar da minha família.

O facto de ter férias marcadas facilitou na determinação do prazo: um mês. Um mês, e um mês não seria suficiente para extrapolar. Calculei eu…

E agora eu, uma mulher de 40 anos, crescida e com filhos conseguiria manter a situação controlada. Iria gerir tudo da melhor forma e não, NÃO, eu não cederia aos seus rituais. Isso era passado.

E, depois de muitos anos, alguns de relações cortadas e outros com contacto vago, instalei-o no chamado quarto de brinquedos dos meus filhos.

O quarto dos brinquedos é uma suite, a casa de banho só para ele daria alguma privacidade. É um quarto bastante luminoso e está cheio de estantes com brinquedos e uma televisão. É neste quarto que passamos tempo com os miúdos e onde eles continuariam a brincar e a ver televisão.

O meu pai sempre havia sido discreto ao pé deles, e ali com os netos presentes não iria manifestar abertamente as suas “manias”.

Imaginei, pela minha experiência no passado, que por tempo limitado e com a movimentação de 3 crianças ele não iria desenvolver muito ritual e obsessão.

O Nuno cedeu a sua cama ao avô e durante a estadia dormiria no chão, num colchão que usamos para amigos deles dormirem. Ao lado da cama, pus uma mesinha onde ele colocaria as suas coisas, e expliquei aos miúdos que aquela era a mesa do avô. Ali não podiam mexer.

A primeira "mania" que o meu pai me pediu aconteceu logo no primeiro dia e tinha a ver com a posição de uns papéis do hospital e do centro de reabilitação colocados dentro dum saco branco, e meio amarrotado de papel, e eu simplesmente não estava preparada para isso.

– Ana vê lá se os papéis escrevem todos na mesma direção.

Cerrei os dentes e pensei, "já? ok, mmm... vou fazer isto? posso dizer que não... bom o mais fácil é ver e pronto"

– Sim, estão todos a escrever na mesma direção.

– Vê outra vez.

No mesmo segundo um calor invadiu-me a cara, automaticamente senti o cabelo eriçar na minha nuca, as minhas mãos perderem força, desta vez cerrei os dentes com ainda mais força: eu não queria mesmo fazer aquilo. E com os olhos fechados de tensão inclinei-me para espreitar para dentro do saco e, olhando sem ver, respondi:

– Sim. Estão todos a escrever na mesma direção.

– De certeza?

– Absoluta. – respondi. "E por favor, não me peças isso outra vez." pensei.

Seguidamente pediu-me para pousar uma almofada no andarilho, ao lado da cama. Pousei e assim ficou.

Quando ele saiu do banho ajudei-o a secar o cabelo com uma toalha e, ao pendurar aquela toalha como sabia que ele aprovava, fiquei aliviada por ele não questionar a sua posição. De seguida, ao pentear o seu cabelo com carinho, senti pela primeira vez aquelas

saliências dos vários estimuladores espalhados por baixo da pele no seu couro cabeludo.

Passámos o primeiro dia em festa, com as suas comidas preferidas, brindes à vida e todos os mimos intrínsecos. E, tal como havia idealizado, naquela noite convivemos bem-dispostos naquele quarto dos brinquedos.

Senti que éramos uma família feliz, esta era a oportunidade para os meus filhos conhecerem melhor o avô.

Imaginei que ele iria contar aquelas histórias engraçadas, aquelas anedotas do passado, aquelas curiosidades históricas que ouvi em tempos. Na minha cabeça, o pai que sobrevivera ao covid, a três meses de coma, era o pai das minhas lembranças descontraídas. Era o pai bom, aquele que me compreendia.

Quando no segundo dia me pediu para verificar a posição da almofada pousada em cima do andarilho senti uma evolução.

– A almofada está centrada no andarilho?

– Sim está.

– De certeza?

– Sim.

– Não podes responder só sim porque assim eu não sei do que estás a falar.

– Sim, a almofada está centrada no andarilho.

Ele precisava de ajuda para se vestir, ainda nem os sapatos conseguia calçar sozinho, e com o avançar do tempo essa rotina foi-se transformando num processo de ordens e execuções.

Se ao primeiro dia havia aberto as cortinas como sempre o havia feito, ao terceiro dia já me foi pedido para o fazer "devagarinho".

– Vai até às cortinas. Agora pára. Agora abre devagarinho. Agora espera aí um bocadinho.

– Agora confirma se as calças estão alinhadas com as cuecas e centradas na cadeira.

Aquilo deixava-me triste. Triste, desconfortável e irritada, comigo e com ele. Incapaz de confrontar a situação, nesse dia experimentei

usar a ironia:

– Parece que sou um robot.

– Tem graça que já me disseram a mesma frase, mas com a palavra escrava. – respondeu visivelmente desagradado com o meu comentário. Eu era igual às outras, às namoradas que se queixavam.

Eu é que estava errada, por me sentir desconfortável, por me sentir um "robot" nas mãos dele.

Eu vivia tudo o que eu não queria e não conseguia dizer que não. Entre ajudas a uma pessoa em convalescença, novos rituais e pedidos de verificações foram sendo introduzidos, e em menos de uma semana, eu já observava paralelismos. Já me repetia. Já me era exigido que olhasse durante alguns segundos para coisas.

– Os envelopes em cima da mesa, escrevem todos na mesma direção?

– Os envelopes estão direitos? De certeza? Olha bem.

– Agora senta-te aí e espera.

– Agora vai ali e pega no lençol. Agora faz a cama. O cobertor está torto.

– Este papel está sujo? Olha bem. Não estás a olhar bem.

– Os atacadores dos sapatos estão mal apertados, aperta outra vez.

– Vê os envelopes outra vez.

– As calças estão alinhadas com as cuecas?

A cada dia, mais pedidos e mais rituais, a cada dia a ansiedade e mau estar cresciam dentro de mim. Sentia uma força manipuladora a controlar-me, a obrigar-me a anular totalmente a minha essência. A ir totalmente contra os meus princípios.

Eu não queria fracassar como filha. Eu não o queria atacar. Eu só queria que ele percebesse que não me devia pedir aquelas coisas… Que nunca mo devia ter pedido.

– Pai, eu não vou fazer isso, dispus-me a trazê-lo para recuperar todos os seus movimentos como uma enfermeira, mas não tenho disponibilidade física nem mental para satisfazer as suas compulsões.

– eu queria que ele me compreendesse que respeitasse as minhas vontades.

– Porquê, qual é o problema?? – quase atónito, a ajuda era um dado adquirido.

– Sinto-me ansiosa.

– Ansiosa?? Ansiosa como? – perguntou-me num tom provocador, aquela reação não me era estranha.

– Sinto-me mal, sinto os pelos dos braços eriçarem, sinto o coração bater mais forte, sinto a garganta apertar – respondi, sentindo genuinamente isso e muito mais. Pensei que como pessoa ansiosa que ele também era, identificaria estas sensações, me daria o meu espaço.

– Ó menina, então tens de ir tratar essa ansiedade!

Era ele que me fazia sentir assim! Fiquei profundamente ofendida. Que egoísta! Não quer saber de mim, se me sinto mal!?

Sentia-me entalada: por um lado, aquela missão a que me propusera; por outro, o não estar a conseguir lidar com aquilo, estar a ser confrontada com uma realidade tão dura. Esperei, no entanto, alguma consideração.

Porém, isso não aconteceu. Logo após ter exposto a minha fragilidade, as coisas mudaram radicalmente cá em casa, mostrando-se brusco e mal-encarado.

Durante a fisioterapia, procurou a compreensão da Diana, minha amiga:

– Diana, pode apertar os sapatos novamente e colocá-los direitos?

– Sim, tio.

– Alinhados atrás.

– Sim, tio.

– Estão alinhados?

– Sim, tio.

– A Diana ajuda-me não ajuda? Sabe Diana, a Ana é insensível à minha doença, tornou-se numa pessoa muito fria.

Senti maldade naquelas palavras, senti-me insignificante, pequena, minúscula. Nunca se questionou se o problema estava nele. E aquilo magoou-me profundamente – a perceção da realidade após uma idealização irracional foi um choque. A minha dedicação não valia nada.

Senti que estava a ser extremamente egoísta, assumia a postura de vítima, procurando despertar em mim o sentimento de culpa. Queria mostrar que o problema estava em mim por eu ser incapaz de o acompanhar nos seus rituais.

No dia seguinte:

– Ora vamos lá fazer isto de forma que não te sintas incomodada. – declarou, num tom paternalista e superior, – Podes ver se o papel está paralelo se faz favor?

Num misto entre estupefação e estranheza, engoli em seco e respondi:

– Sim, está.

– Está o quê? Se faz favor.

– Paralelo.

– Responde como deve ser se faz favor, assim não sei do que estás a falar. Se faz favor.

– Sim pai, o papel está paralelo.

– Podes colocar os meus sapatos aqui debaixo se faz favor? Agora paras aí, se faz favor. Volta a apertar os sapatos, se faz favor, porque os atacadores estão tortos, se faz favor. – A voz dele estava grave, magoada e o tom desafiador era evidente.

– Porquê tantos se faz favor pai?

– Para não sentires que te estou a dar ordens.

Confesso que aquela situação a misturar o cómico e o trágico quase me deu vontade de rir. A cada se faz favor mais tensão eu sentia. Sentia-me gozada. Cada se faz favor era a comprovação do desprezo pelos meus sentimentos, era a prova de que eu precisava para tomar uma atitude definitiva. Decidira ajudar, arrancá-lo daquele inferno onde ele dizia estar, "salvá-lo" daquelas funcionárias do centro, e era

isto a realidade: o que eu sentia era irrelevante e uma postura de agradecimento era totalmente inexistente.

– A almofada está centrada no andarilho SFF?

– Sim, está.

– Está o quê?

– Sim está centrada no andarilho.

– Olha outra vez SFF. Quanto espaço sobra de almofada fora do andarilho?

E mostrei a distância usando os dedos indicador e polegar, da mesma forma que tantas vezes havia feito no passado.

Eu queria gritar, queria dizer "NÃO QUERO VER!" contudo faltava-me força. Ele despertava em mim um turbilhão de emoções negativas e simplesmente não tinha qualquer noção das consequências dos seus atos, naquele momento questionei-me se aquilo seria um traço de personalidade ligado ao POC? Ou seria feitio? Ou defeito? Não sei, todavia, era muito pior do que eu tinha memória, muito mais intrusivo e maldoso. O sarcasmo na voz dele transmitia-me a sensação de vingança, como se me estivesse a castigar.

Emocionalmente esgotada aquilo era uma confirmação: "o meu pai é mau".

Decidi que era o momento de conversarmos sobre a sua saída. Era evidente que a situação se degradava a cada dia. Era evidente que só iria piorar.

Talvez de forma cobarde, expliquei-lhe que achava que estava na hora de sair: já se mexia sozinho e no fundo, o neto continuava a dormir num colchão no chão, estava na hora de voltar para casa, mas ele… rejeitou a ideia sem qualquer cerimónia.

– Eu não me vou embora, aqui é que eu estou bem.

Engoli em seco, e como sempre, sem uma resposta na ponta da língua, fiquei sem palavras, não resultara. Mas não estava bem. O ambiente tornara-se pesado. O problema crescia, a tensão entre nós tornara-se insuportável.

Agora também o Pedro trabalhava com as portas fechadas.

– Já falaste com o teu pai? Quando é que ele se vai embora? – e o meu sentido de culpa crescia.

Eu sabia, só eu é que sabia o que significava trazer o meu pai para minha casa, eu sabia e esquecera-me. Eu havia prometido a mim mesma proteger os meus filhos de tudo, eu crescera a aprender a lidar com aquilo, a conquistar a minha distância e agora estreitara o convivo entre as pessoas mais importantes do meu mundo e o meu pai.

Ele passou as três tardes seguintes no quarto, deitado na cama, às escuras. Eu tinha a sensação horrível de ter um tumor a crescer dentro daquelas quatro paredes, por trás daquela porta fechada.

O último dia

Eu sentia-me asfixiar dentro da minha própria casa. Vivia uma luta interior que já não me deixava raciocinar. Naquele dia tive uma explosão de choro, com um aperto, um sufocar que não me lembro de alguma vez ter sentido. Sentia-me fora do meu próprio corpo. Sentia-me mal, muito mal.

Fui invadida por um único pensamento "preciso de um calmante. Eu só vou aguentar isto se estiver dormente."

Naquele dia à saída do banho as instruções foram muito precisas:

– Agora com a mão esquerda pegas na toalha e depois usas a mão direita para colocá-la nas minhas costas.

– Agora, o desodorizante. Está bem fechado?

Rodou o desodorizante para a direita para fechar e retirou a mão devagarinho continuando a rodá-la no mesmo sentido à medida que largava a tampa.

"Porque é que ele está a fazer isto? Este desodorizante é meu!"

– Tirei a mão devagarinho e sem colar?

– Agora podes pendurar a toalha no toalheiro.

– Puseste a toalha torta, estás a fazer isso para me provocar?

– Não pai, é melhor ser o pai a pendurar como gosta.

E discutimos porque eu pendurei a toalha torta.

E sim, pendurei a toalha torta. Pendurei a toalha torta porque as penduro quase sempre tortas. Pendurei a toalha torta porque em minha casa penduro as toalhas como eu quiser. Não o fiz para provocar ou por falta de respeito. Eu pendurei aquela toalha torta porque perdi o interesse em agradar.

Ao jantar a falta de cerimónia tornara-se evidente.

– Então não há nada que se beba? – perguntou e eu deitei água no copo pousado à sua frente.

– Esta água está uma porcaria, está quente, não há vinho? – abri uma garrafa de vinho e servi.

– Só há fruta para a sobremesa?? Ontem não havia um gelado?

O Pedro desaprovava totalmente aquela arrogância para comigo e dentro da nossa casa. Contudo naquele momento os nossos filhos, também sentados à mesa, eram o mais importante e, o esforço que fizemos para que não percebessem o que se passava, permitiu que ele continuasse a agir daquela forma.

E eu criticava-me em silencio "como é que a memória me traiu? Como errei ao pensar que as coisas seriam diferentes".

– Pedro, o puxador dessa porta está torto. – o Pedro não se mexeu e trocaram sorrisos amarelos.

Nesse dia, ao entrar no quarto dos brinquedos fiquei a olhar para aquela mesa de cabeceira onde ninguém podia mexer. Era desconcertante. Era proibido tocar num saco de papel amarrotado, num monte de guardanapos de papel trazidos do hospital, em 4 caixas de remédios e em três palitos. Constatei que os palitos nem sequer estavam paralelos, eu nunca iria perceber aquela cabeça. Eu desconhecia aquela pessoa.

De repente, vi aquele quarto dos meus filhos como um "ambiente contaminado", contaminado pelas manias dele.

O meu pai estava deitado na cama. Alheio ao que se passava, o Francisco brincava, procurava e entornava com barulho os legos grandes no chão, construía e destruía torres. Abria e fechava gavetas à procura dos bonecos perfeitos para completar aquela brincadeira.

– Francisco fecha as gavetas dos brinquedos. – pediu-lhe.

Sentado no chão, ao lado da cama, o Nuno brincava com uma bolinha saltitona.

– Nuno, não brinques com isso aqui, ao pé da cama. – e ele largou a bola.

– Pedro, não te sentes no sofá assim, não toques nas minhas calças. – as calças penduradas nas costas do sofá, o meu filho levantou-se e foi para o seu quarto.

– Ana, eles hoje estão muito desarrumados.

– Não, pai, Estão só a brincar.

Assisti ao que se passava com um nó da garganta,

A liberdade deles estava a ser posta em causa.

– Meninos vamos lavar os dentes e vamos para a cama – disse-lhes.

E foi naquele momento em que voltei a entrar no quarto dos brinquedos e o vi em pé junto à estante a fazer aquele movimento que eu tão bem conhecia: a empurrar com o dedo indicador aquela caixa de rattan do Ikea, a caixa dos legos dos meus filhos, da mesma forma como há 30 anos eu assistira nas idas ao correio. Que percebi que não iria conseguir viver daquela forma nem mais um dia.

– Acabou isto na minha casa! – a minha reação foi imediata. As palavras saíram da minha boca sem a minha cabeça ter pensado.

– Eu não estou a perceber o que é que eu fiz...

– Eu não quero isto na minha casa, eu não quero isto no quarto dos brinquedos dos meus filhos, eu não quero o pai a alinhar a caixa dos legos! Acabou!

– Respeita me que eu sou teu pai. Tu não podes falar assim comigo.

– Eu também mereço respeito, e não sou obsessiva compulsiva – insisti – e não quero fazer verificações e responder a perguntas sem fim. Acabou! – a estupefação espelhada na sua cara, perplexo com as minhas palavras.

Naquele instante senti vontade de o agarrar pelos ombros e abaná-lo com muita força para que ele acordasse e visse a realidade. Aquela realidade que eu não deveria ter de explicar.

– Quando me trouxeste para tua casa imaginei que íamos retomar a relação que tínhamos quando eras pequenina, com 10 anos. – murmurou com tristeza na voz. Uma voz manipuladora.

Sim, em poucos dias voltei a sentir-me uma criança e a sensação não era boa. Sentia-me definhar, perder o meu eu que levara tantos

anos a fortalecer. Senti o abrir à força das portas onde havia trancado um trauma. O despertar de tantas recordações adormecidas. E, se em pequenina pensava que ele só podia contar comigo, agora percebo, que nunca deveria ter dependido de mim.

– Tenho 40 anos, não sou essa criança há muito tempo.

– Eu também sou uma pessoa diferente, eu só estou assim por tua culpa.

A culpa, a culpa sempre aquela culpa! Não, aquela culpa não era minha.

O olhar dele, ainda enfraquecido pelo Covid-19, era perturbador quando me disse baixinho

– As pessoas fazem isto por amor.

– Não, nunca o fizemos por amor.

Posfácio

A minha relação de amizade com o Pai da Ana é, essencialmente, consequência da circunstância de ser Pai da Ana. Nunca foi mais do que isso e nunca existiu sem a Ana como elo de ligação.

De certo modo, eu acompanhei sempre os sentimentos da Ana em relação ao Pai e apoiaria, como apoiei, qualquer decisão da Ana a este respeito. Por várias razões, todas suficientemente óbvias para ter de as enunciar.

Mas esta história é sobre muito mais do que isso.

É sobre limites, alternativas e determinação.

Limites que se sobrepõem às intenções, à boa vontade, à bondade e à caridade.

Alternativas, que descobrimos quando os limites são ultrapassados. Que parecem difíceis, até ao dia em que nos forçam a escolher entre dois males.

Determinação, para se ser bom apesar do mal que se passa. Determinação com que algumas pessoas aprendem sem o privilégio de ter quem as ensine e contra o exemplo que recebem como bom.

É sobre como, muitas vezes, são as crianças os pais dos homens.

É parte importante de uma história que tem um final feliz, apesar de tudo.

Tudo isto torna a Ana especial. Seria sempre. Mas é mais porque se fez, em grande medida, sozinha.

Pedro Boullosa Gonzalez

